

A Vitalidade do Informal:
Uma etnografia das práticas de uma associação *grassroots* na Amadora

Ana Nunes Martins Oliveira dos Santos

Dissertação de Mestrado em Estudos Urbanos

Setembro, 2023

Dissertação de Mestrado apresentada para o cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Urbanos, realizada sob a orientação científica da Prof. Doutora Graça Índias Cordeiro, Professora Associada com ao Agregação ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa e Prof. Doutor João Pedro Nunes, Professor Auxiliar da NOVA – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Agradecimentos

À minha família, por garantir a possibilidade de proceder com a minha educação, pelo apoio e carinho.

Aos meus amigos, por tornarem a vida mais bonita.

À Inês, pela partilha, pelo dia a dia.

Aos meus companheiros, por me construírem entre conversas e convívios.

À Professora Graça, pela orientação livre com que me acompanhou; pela disponibilidade, pelas oportunidades e conhecimento.

Ao Professor João Pedro, um agradecimento pelo acompanhamento científico atento à investigação.

À Associação, o maior agradecimento pela oportunidade de fazer tudo isto, pelo que são individualmente e somos coletivamente; pelo sentido que dão à vida e porque isto não é um trabalho meu, é um trabalho nosso.

Dedicado a todos os que pensam e constroem um mundo mais livre e seguro.

- *Só fazemos máquinas para estudar aquilo em que acreditamos, isso é um facto.*
- *Ou seja, se fôssemos sensatos não deveríamos apenas progredir em termos de tecnologia, deveríamos progredir, ou mudar, também em termos de crença.*
- *Mudar de crenças para construir novas máquinas, eis o projeto de Vossa Excelência.*
- *Exacto.*
- *Caro século XXI: não mudes apenas de máquinas, muda de crenças. Se não o fizeres estarás sempre a descobrir a mesma coisa.*
- *Um pardal, dois... cem.*

Gonçalo M. Tavares, 2015.

Resumo

As cidades, designadas por vezes como espaços distópicos e mercantilizados onde predominam o individualismo e a competição, são palco de fenómenos decorrentes de processos de urbanização que afetam de forma muito diferenciada os territórios que as compõem. Ao mesmo tempo, a forma como os indivíduos se organizam e constroem a sua vida social varia segundo o espaço ao qual destinam as mais variadas esferas da vida humana, como o trabalho, as áreas de residência, e reservadas aos tempos de lazer. Em 2021, na minha cidade, num bairro que não é o meu, conheci a Associação Roots. A Associação tem origem em 2019, numa tentativa de um morador desse bairro reavivar os sentimentos de apoio mútuo e solidariedade que eram tão valorizados na comunidade do seu bairro de origem, de pré-realojamento. Passados quatro anos, é agora fruto de vários processos de mudança. É esta a viagem que me proponho relatar, resultante do trabalho de campo e da minha experiência enquanto membro da Associação, debruçando-me sobre três pontos de análise: estratégia da Associação entre a ação informal e formal; organização interna do grupo com base numa ideologia partilhada entre os membros; espaço que a Associação ocupa no bairro (local) e na comunidade (relações interpessoais).

Palavras-Chave: *Grassroots*; Informal; Redes de Relações; Bairro/Vizinhança; Associação Local;

Abstract

Cities, sometimes referred to as dystopian and mercantiled spaces where individualism and competition are prevalent, are the scene of phenomena resulting from urbanization processes that affect the territories that make them up in very different ways. At the same time, the way in which individuals organize and build their social lives varies according to the space to which they allocate the most varied spheres of human life, such as work, residential areas and leisure time. In 2021, in my city, in a neighborhood that is not my own, I met the Roots Association. The Association originated in 2019, in an attempt by a resident of that neighborhood to revive the feelings of mutual support and solidarity that were so valued in the community of his original, pre-relocation neighborhood. Four years on, the mission of supporting the community is still the same, but now it has undergone several changes. This is the journey I propose to tell you about, resulting from my fieldwork and my experience as a member of the Association, focusing on three points of analysis: the Association's strategy between informal and formal action; the group's internal organization based on an ideology shared by the members; the space the Association occupies in the neighborhood (local) and in the community (interpersonal relations).

Key-Words: *Grassroots*; Informal; Social Networks; Neighborhood; Local Voluntary Association

Índice

Introdução.....	9
Enquadramento Teórico-Metodológico.....	11
Associações <i>Grassroots</i>	11
Entre o formal e o informal.....	13
Redes de relações em bairros.....	15
Problematização e questões.....	17
O processo etnográfico enquanto método.....	17
Entre os Bairros – da Riba Tçada ao Bairro da Amadora.....	22
Na Riba Tçada.....	22
No Bairro da Amadora.....	24
História da Associação Roots.....	27
O início formal e burocrático.....	27
A vitalidade do informal.....	28
Quem faz a Associação?.....	31
O Gonçalo.....	32
Através do Gonçalo - O Henrique e o Rui.....	35
O Henrique.....	35
O Rui.....	36
Através de terceiros – a Mariana, o Raul, a Sofia e eu.....	37
A Mariana.....	37
O Raul.....	40
A Sofia.....	43
Eu.....	44
Através das redes sociais - O Diogo, A Beatriz e o André.....	47
O Diogo.....	47
A Beatriz.....	48
O André.....	49
Onde? Porquê? Como?.....	51
Onde: O espaço (físico) de criar.....	51
Porquê: a mudança não se pede, cria-se.....	54
Como: um mês nas atividades da Associação.....	56
As limpezas.....	56
Provisionamento.....	57
Aulas de desenho.....	58
Círculos de Mulheres.....	60
Trabalho em rede e passeios.....	64

Círculo de Homens, Apoio ao Estudo e Projeto da Horta.....	66
Conclusão	69
Bibliografia.....	73

Introdução

De qualquer forma o familiar, com todas essas necessárias relativizações é cada vez mais objeto relevante de investigação para uma antropologia preocupada em perceber a mudança social não apenas ao nível das grandes transformações históricas mas como resultado acumulado e progressivo de decisões e interações cotidianas. (Velho, 1978 p. 132).

Esta investigação teve início na minha cidade, num bairro que não é o meu, mas que depressa se tornou uma parte muito importante da minha vida, onde estou confortável e sou feliz. Um ano depois de conhecer o Bairro, dei início a um processo de investigação com a intenção de explorar em profundidade uma entidade importante para a vida social e cultural do Bairro: a Associação Roots (nome anonimizado), que obrigou a uma reflexão sistemática, não apenas sobre o Bairro, mas também sobre o meu papel de investigadora e participante.

A Associação tem origem em 2019, numa tentativa de Gonçalo – morador do Bairro e fundador da Roots – de reavivar os sentimentos de apoio mútuo e solidariedade que eram tão valorizados na comunidade do seu bairro de origem, de pré-realojamento. Passados quatro anos, a Associação e o Gonçalo mantêm a missão de apoiar a comunidade, mas é agora fruto de vários processos de mudança: os membros não são os mesmos, o número de atividades foi ampliado, os jovens e as crianças que acompanham a Roots multiplicaram-se, a estrutura e a forma de ação é também diferente do que fora planeado aquando da sua fundação. Em parte, é esta a viagem que me proponho a relatar, onde é explorada a vitalidade da organização de tipo informal, bem como as suas contrapartidas.

A Associação Roots não só contribui para o desenvolvimento social e cultural do Bairro, através de atividades regulares, como mantém uma presença dentro das relações que se estabelecem no local, por partilhar o espaço físico com um café, lugar privilegiado na escolha dos moradores para os tempos de lazer e socialização.

Esta dissertação, que resulta de um trabalho etnográfico, apresenta a história da Associação desde a sua criação e os elementos da constituição atual do grupo; ilustra a missão, as atividades e o espaço físico onde as atividades da Roots se desenvolvem, na maior parte do tempo. Do trabalho de campo e da minha experiência enquanto membro da Associação, resultam três pontos de análise: **estratégia da Associação entre a ação informal e formal; organização interna do grupo com base numa ideologia**

partilhada entre os membros; espaço que a Associação ocupa no bairro (local) e na comunidade (relações interpessoais).

Este trabalho de investigação está organizado em seis capítulos:

No primeiro, é apresentado o enquadramento teórico-metodológico. Este capítulo foca conceptualmente a Associação segundo as suas características, e no espaço (bairro). É também apresentada a metodologia que serviu de base à produção desta dissertação.

No segundo capítulo, intitulado “Entre os Bairros”, é explorada a vida da família de Gonçalo entre os bairros de origem (autoconstrução) e de realojamento, servindo o contexto histórico e geográfico.

Em seguida, o terceiro capítulo descreve a história da Associação desde a sua fundação formal e a deriva para a informalidade.

O quarto capítulo, que resulta de entrevistas semi-diretivas aos elementos da Associação, apresenta os membros da mesma.

O quinto capítulo descreve o espaço da Associação – onde –, explica a missão da Associação – porquê –, e retrata a ação – como.

O sexto e último capítulo sumariza os tópicos de análise e a conclusão deste trabalho de investigação.

Desde o início fui orientada por perguntas como “de que forma vai este trabalho melhorar ou ajudar a Associação?” ou “este trabalho é destinado a quem?”. Chegada à reta final, respondo-me: este trabalho é destinado a todas as pessoas que se interessem pela vida das nossas cidades. Idealmente, é destinado a todas as pessoas interessadas em organizar-se e mobilizar-se em prol de algo, servindo de catalisador. Preferencialmente, à Associação, serve o futuro enquanto grupo, produzindo novas ideias que sirvam a nossa missão; e a memória, para que tenhamos por escrito o que construímos até agora.

Enquadramento Teórico-Metodológico

Neste capítulo apresento simultaneamente o enquadramento teórico desta dissertação, a problemática à qual pretende dar resposta, e a prática metodológica utilizada na produção deste trabalho de investigação. Sendo um trabalho etnográfico com uma abordagem realmente colaborativa entre investigador e interlocutores, o enquadramento teórico vai de encontro ao resultado do trabalho de campo, observação, conversas informais e entrevistas. Assim, este capítulo enquadra teoricamente a estratégia e o trabalho da Associação, incidindo sobre as características e dinâmicas internas de organizações *grassroots*. Mas tem outro objetivo, pois procura perceber as razões que levam determinadas organizações a estabelecer relações com instituições, ou, por outro lado, adotar outras estratégias mais autónomas e independentes – no fundo, apresenta e toma parte no debate entre o formal e o informal. Por fim, através da teoria urbana clássica, procuro entender qual o lugar que a Associação ocupa na comunidade, analisando as relações que se estabelecem, como e em que moldes.

Associações *Grassroots*

Associações *grassroots* são definidas por David Smith (1997) como associações de base local sem fins lucrativos com um grau elevado de autonomia, cujo trabalho assenta na disponibilidade voluntária dos membros (Smith, 1997 p. 269) e o envolvimento neste nível e modelo de organização social depende diretamente de condições físicas, económicas e sociais (Bettencourt, 1996 p. 208).

David Smith (1997), que investiga a realidade norte americana das organizações *grassroots*, distingue o envolvimento voluntário neste tipo de associações – voluntariado altruísta – que contrasta com o voluntariado agregado a departamentos em organizações de trabalho, cujo formato cativo a programas torna a autonomia dos interessados restrita (Smith, 1997 p. 270).

Tanto Bettencourt (1996) como Smith (1997) analisam associações *grassroots* em duas vertentes: estrutura interna/dinâmica de grupo e, a nível individual, características comuns aos atores que se envolvem nestas organizações. A dinâmica de grupo é sustentada por dois fatores: identificação intragrupo e coesão (Bettencourt, 1996 pp. 209-210). A primeira pode levar ao processo de iniciação do envolvimento com determinada organização e ao interesse em manter-se como membro pela forma de operar ou ideologia de um grupo, ao passo que a coesão estabelece um sentimento de lealdade e compromisso.

Relativamente à estrutura interna, Smith (1997) estabelece uma comparação entre *grassroots* e organizações de trabalho, mesmo as não lucrativas. Embora altamente versáteis na sua forma, *grassroots* tendem a ser altamente participativas, organizadas horizontalmente com base na solidariedade entre membros; enquanto organizações de trabalho são caracterizadas por uma estrutura hierárquica e oligárquica forte, onde a participação democrática é, muitas vezes, desvalorizada (Smith, 1997 p. 270)

Paul Almeida e Linda Brewster Stearns (1998) são autores do artigo *Political Opportunities and Local Grassroots Environmental Movements: The Case of Minamata* onde examinam a realidade das *grassroots* ambientais japonesas, e identificam três escalas de ação coletiva: ação local; movimento social e ciclo de protestos. A primeira vai de encontro aos problemas específicos de um local; um movimento social tem uma escala usualmente nacional e envolve formas de organizações formais ou redes de afiliados. A terceira tem um caráter algo espontâneo, uma vez que se estabelece em períodos específicos de turbulência social, não se limitam a fronteiras nacionais e combinam diferentes movimentos sociais (Almeida e Stearns, 1998 p.38).

Vários autores destacam as várias formas de opressão, que têm um papel importante no surgimento de *grassroots* (Woliver, 1993; Kroeker, 1996) e que, portanto, criam um padrão de características comuns a muitos ativistas e membros deste tipo de associações. Bettencourt (1996) destaca a importância de mulheres e *people of color* no sucesso destas organizações, bem como a predominância de pessoas com níveis altos de educação que integram mais do que uma organização de base local ou outros grupos ativistas.

Já Smith (1997), por reconhecer a importância de associações *grassroots*, alerta, em *Grassroots Associations Are Important: Some Theory and a review of the Impact Literature*, para os fatores que contribuem para a tendência de uma curta vida útil destas organizações, pela facilidade de dissolução. Fatores como a falta de disponibilidade contínua por parte dos membros, fraca relação formal e institucional a nível nacional ou local (que resulta em carência/impossibilidade de respostas a problemas específicos) e liderança ineficaz (Smith, 1997 p. 276).

Entre o formal e o informal

Tomando o alerta de Smith (Ibidem, 1997) em consideração, olhemos para as razões por detrás da escolha destas associações, discutindo fatores benéficos e prejudiciais para *grassroots* no estabelecimento e desenvolvimento de relações com instituições e estruturas de poder.

José Manuel Leite Viegas, debruça-se sobre a participação associativa em Portugal, e na sua comunicação *Associativismo, cidadania e espaço público* coloca os maiores benefícios provenientes do associativismo na relação institucional entre as associações e o Estado, enquanto acautela para resultados indesejados por determinados grupos que podem advir da integração associativa, como conformismo social, passividade política e ingovernabilidade (Viegas, 2010). A vertente ideológica e a capacidade de fazer de uma organização, podem ver-se comprometidas por alianças entre grupos e autoridades públicas, o que pode motivar o afastamento.

VanHoose e Savini (2017) relatam e comparam duas práticas diferentes no artigo *The Social Capital of Urban activism: Practices in London and Amsterdam*. Em Amsterdão, os autores descrevem o conflito interno do coletivo Schijnheilig, que teve o seu início num movimento de ocupações pela cidade quando ainda era ilegal a realização de despejos por parte das autoridades e senhorios; mas, na sequência da ilegalização dos processos de ocupação e apropriação de espaços devolutos, o grupo dividiu-se em dois: os pragmáticos, que punham a hipótese de cooperar com o poder local, e os idealistas com abordagens mais radicais, levando a uma rotura interna (VanHoose e Savini, 2017). Esta rotura teve, de um lado, os membros que ponderavam a institucionalização do coletivo como solução e do outro os que lutavam por manter a identidade inicial de resistência.

Em Londres, o seu relato é sobre um grupo de *skateboarders*, artistas e *BMXers* que surge espontaneamente ao verem, em 2013, o único local em Southbank London onde mantinham uma comunidade criativa e diversa a ser negociado para outros usos pelas autoridades locais (Ibidem, 2017). Ao contrário do coletivo de Amsterdão, a campanha dos *skateboarders* decorreu sem conflitos ou cisões internas, embora partilhassem características como a informalidade, solidariedade e horizontalidade. Os autores consideram que a exclusividade de acesso ao grupo de Londres, objetivo e identidade comum proveniente de um objetivo material, bem como a ausência de uma ideologia política forte foram os fatores que levaram a que a campanha fosse levada a bom porto.

Por outro lado, identificam 3 fatores que levaram à instabilidade interna do coletivo Schijnheilig: ausência de objetivo comum, que levou a uma cadeia de eventos e reações contraproducentes, abuso da estrutura não-hierárquica e a fraca capacidade de cooperação com instituições formais (VanHoose e Savini, 2017 p. 305).

Existem vários fatores externos que não foram cobertos pelos autores, dos quais destaco três: o grau de inconveniência direta dos grupos face às instituições formais, isto é, quão danosa é a existência e a ação de determinados grupos para o Estado e outros atores sociais (empresas, proprietários, etc.); a facilidade com que a sociedade civil cria empatia com diferentes grupos e pessoas; e as consequências políticas, sociais e económicas das escolhas feitas pelas instituições. Um movimento de “okupas” é mais facilmente demonizado mediaticamente do que um grupo de *skateboarders* cujo espaço é restrito e a implicação direta com a propriedade privada é nula, portanto, agir contra os interesses de um grupo torna-se automaticamente mais fácil do que agir contra outro se tivermos estes fatores externos em consideração. Em suma, existem relações aprioristicamente menos suscetíveis de se estabelecerem do que outras.

Como VanHoose e Savini (2017) destacam, grupos ativistas vivem em tensão por dois motivos para os quais têm de encontrar um equilíbrio ou uma solução: processos de assimilação por instituições ou entidades mais estruturadas e formais, e oposição interna. Smith (1997) refere precisamente uma das tendências que leva à extinção de muitas organizações *grassroots* é o processo de “desradicalização” (Smith, 1997 p. 277) que sucede o estabelecimento de relações com o Estado, fundações e empresas, tornando as *grassroots* organizações ao seu serviço. Os processos de assimilação podem resultar na exclusão de membros, tomadas de decisão indesejadas e perda de identidade; por outro lado, a institucionalização de certas organizações pode levar diretamente a soluções imediatas ou mais rápidas, mais estabilidade do ponto de vista da disponibilidade dos membros e várias formas de apoio, incluindo financeiro.

Redes de relações em bairros

A investigação de John Barnes (1954), sobre o sistema social da comunidade piscatória de Bremnes, na Noruega, é relatada por Ulf Hannerz, em 1980, na sua obra *Exploring the City: Inquiries Toward an Urban Anthropology*. Segundo Hannerz, Barnes divide a vida social em três vertentes:

- A primeira, ligada à escala geográfica, é o sistema territorial de Bremnes. Além das unidades territoriais administrativas hierárquicas, este campo é apresentado como bastante estável entre si, no sentido em que as pessoas viviam dentro desses limites territoriais e a organização das relações se mantinha dentro dos mesmos; esta organização territorial era respeitada tanto para motivos administrativos como para a construção de associações voluntárias.

- A segunda vertente é constituída pelo *cluster* da indústria piscatória, sendo que as suas unidades eram os navios de pesca e respetivas tripulações, cooperativas de comércio, fábricas etc.. Esta vertente organizava-se segundo uma lógica de interdependência, não hierárquica e a estrutura interna das suas unidades era bastante fixa.

- O terceiro domínio da vida social é baseado na amizade, parentesco e proximidade, que Barnes considerou na designação de rede; e é sobre este domínio da vida social de um bairro que este trabalho de investigação se centrará. Assim sendo, o conceito de rede, bem como a importância da amizade, das relações de proximidade e de parentesco no quotidiano social de um determinado território será retomado adiante, compreendido como uma peça fundamental no que é a organização social de um bairro.

Eanes e Goode (1977) identificam, entre outros, dois princípios organizacionais que constituem a base da diversidade cultural e social das cidades: residência comum e cultura de origem comum. Numa revisão da literatura aprofundada sobre a natureza dos bairros e a coesão social interna dos mesmos, fazem refletir as numerosas formas de organização, formação de redes e relações que encontramos em várias cidades do mundo.

Roberts (apud Eanes e Goode, 1977 p. 169) identifica a residência comum como sendo o fator com maior potencial de integração e coesão numa arena urbana de crescimento rápido com grande variedade cultural, étnica, profissional e de classe e, ao contrário do que se pode inicialmente concluir, o autor afirma que grupos formais não são indicadores úteis para avaliar a organização e coesão num bairro. Argumenta que grande parte das associações existentes em bairros, cooperativas, grupos de apoio mútuo,

desportivos ou religiosos não são verdadeiramente pensados para a integração, sendo normalmente formados por indivíduos externos e, portanto, orientados para interesses que não são os da comunidade (Ibidem, 169).

Lomnitez (apud Eanes e Goode, 1977 p. 164) acredita que a unidade social primária dos bairros são as pequenas redes de amizade e familiares. Isto é assinalado em situações específicas em que um morador ou agregado familiar precise de auxílio, ou em condições adversas em que toda a comunidade esteja, por exemplo, em risco. Os níveis de coesão social aumentam, querendo dizer que existem, no fundo, interesses comunitários coletivos.

A criação de grupos com base na cultura comum de origem numa cidade é um processo complexo, marcado por experiências pessoais e coletivas de estigmatização e discriminação, especialmente quando se trata de bairros de imigrantes, pelo olhar da restante população. Segundo Eanes e Goode (1977), as relações entre grupos étnicos são estudadas por duas lentes: a cultural, que define um grupo étnico pela passagem da tradição cultural que é transportada do local de origem para a cidade, sem sofrer processos de assimilação significativos - são exemplos a roupa, a gastronomia, a língua, os valores e a organização familiar; a lente estrutural olha para a formação de grupos étnicos através do sentimento de herança comum (Ibidem, p. 172-173). Além da identidade e sentimentos de pertença e partilha, vivências semelhantes negativas ou positivas, independentemente da origem étnica, levam à criação de redes e clusters de grupos étnicos.

Na mesma obra, os autores atribuem importância a outras estruturas, situações e estabelecimentos que promovem a vida urbana e acolhem interações importantes na vida social dos atores, como os cafés. Os cafés têm sido reconhecidos na literatura como espaços de cuidado e interação social, sítios que propiciam o convívio e a construção de comunidades e redes (e.g. Ferreira, et al., 2021).

Mais recentemente, Blokland (2017) afirma que a comunidade se manifesta, e, portanto, tem de ser entendida, através dos detalhes do seu quotidiano. Ora, os cafés permitem justamente a observação desses detalhes. Aliás, uma das características dos cafés de bairros, segundo Gottlieb (1957) são os clientes habituais, que manifestam satisfação psicológica, sentimentos de independência e dignidade das interações sociais que estabelecem no café. Funcionam também como espaços de controlo social: as pessoas “de fora” são notadas como sendo atores externos; perguntas como “como está a tua

filha?” são comuns e, quando os clientes habituais não chegam à hora de sempre, gera ansiedade e especulações (Gottlieb, 1957 p. 560).

The cafe is revealed to us, then, as a place where the formal is entwined with the intimate, closeness with estrangement, reservation with cooperativeness, aloofness with sociability. – (Shapira e Navon, 1991 apud Warner et al., 2013)

Problematização e questões

Beaud e Weber (2007), na obra *Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos* levantam as questões: “como pesquisar em uma citê¹?” e “como achar um objeto que permita fazer um trabalho etnográfico e mostrar a diversidade das situações sociais nesses bairros?”, alertando também para os sentimentos de instrumentalização por parte dos habitantes de bairros periféricos em relação aos investigadores.

O objeto de estudo desta dissertação – a Associação Roots – é entendida aqui como um produto único de um desses bairros periféricos, oferecendo um olhar sobre a diversidade social e cultural de um bairro. Especificamente, o meu foco é orientado para o trabalho de um grupo que age com a finalidade de encontrar soluções para problemas locais específicos. Este grupo, que agrega residentes e não residentes do Bairro, cuja ligação à Associação foi feita por meio de relações interpessoais e através das redes sociais, atua no seio da comunidade, num espaço reservado às atividades, mas pertencente a um café. Este entendimento engendra um conjunto de questões.

Assim, o trabalho de investigação na base desta dissertação pretendeu responder às seguintes questões: Como se organiza e atua um grupo que nasceu formal e deriva para a informalidade? Quais as razões que explicam esse processo? Qual o lugar que este grupo ocupa no local e na comunidade? Como mostrarei em seguida, a via de resposta a estas questões foi percorrida através do método etnográfico e numa abordagem processual.

O processo etnográfico enquanto método

As we saw, Brewer suggests a key component of ethnography is the study of “naturally occurring setting”. As such, ethnographers don’t create a group to study, but identify a pre-existing group, and then immerse themselves in their culture/way of life. Traditionally, the ethnographer aims not to interfere, influence or change their host culture through their involvement. However, the role that the ethnographer may play in re/creating, re/shaping or maintaining that group through the study of these people as a group is something ethnographers are increasingly reflexive about. - (Crockett, 2017)

¹ Designação francesa para os bairros de habitação pública na periferia das grandes cidades.

O termo “etnografia colaborativa” chegou até mim um tempo depois de dar início à investigação, sem saber que, no fundo, foi a metodologia de que já me tinha apropriado, de forma mais natural e inconsciente possível; não podia, contudo, fazer-me sentido de outra forma que toda a produção deste trabalho não fosse em estreita colaboração com os meus colegas e amigos. O meu objetivo pessoal era que pudesse, no fim e através da imersão em que já me encontrava no seio da associação, fundir a investigação com o ativismo.

Luke Lassiter (2005b) na sua obra *The Chicago Guide to Collaborative Ethnography* define etnografia colaborativa como sendo uma abordagem que “deliberada e explicitamente enfatiza a colaboração em todos os pontos do processo etnográfico, sem o esconder – desde a conceptualização do projeto, trabalho de campo e, especialmente, durante o processo de escrita” (Lassiter, 2005b p. 16). Esta proposta epistemológica pretende acabar com o fosso entre as narrativas produzidas na academia e as comunidades investigadas, sendo aclamada pelo autor como uma forma de levar a antropologia e o trabalho etnográfico para além dos limites da academia.

Metodologicamente, este trabalho resultou numa pesquisa qualitativa, sem formulação de hipóteses iniciais, sendo o conhecimento produzido através de um processo indutivo assente na observação e análise da experiência e de conceitos que o grupo constrói em interação (Fernandes e Maia, 2001). Esta abordagem colaborativa, que resulta necessariamente numa produção conjunta, implica negociação, partilha e comunicação; conciliar objetivos distintos e o que pessoalmente foi mais desafiante: resultados incertos (Marcus, 2001) – característicos de uma pesquisa reflexiva que “submete constantemente seus dados à reflexão e à crítica” (Beaud e Weber, 2007 p. 14) uma vez que “o campo dita suas leis ao pesquisador” (Ibidem, p. 42).

Fiz esforços para que o processo de investigação não fosse unilateral, ou seja, que o grupo pudesse sempre que desejasse contribuir com apontamentos, correções ou sugestões, quer em forma de pedido direto da minha parte, quer por iniciativa deles próprios, com o intuito de, à semelhança do que diz Joanne Rapaport (2008), utilizar o trabalho de campo como forma de coprodução, ao invés da simples recolha de dados. Assim, tudo o que escrevi, de capítulo em capítulo, foi-lhes enviado e, se tivesse tempo, esperava feedback antes de seguir para orientação superior.

Deste processo etnográfico fez também parte um distanciamento, uma vez que requereu que me tornasse investigadora após já ser participante. Gilberto Velho (1978) escreve sobre observar o que nos é próximo e alerta que o sentimento de familiaridade não é necessariamente equivalente a conhecimento real, criando uma necessidade consciente no investigador de olhar o objeto de estudo como alvo de reflexão sistemática. A busca por distanciamento “exerce-se, então, sobre os mais próximos, os grandes deste mundo, o universo familiar.” (Beaud e Weber, 2007 p. 36) e constituiu um desafio ao longo de todo o processo, especialmente no trabalho de campo e na fase de escrita da investigação, por ter em mente que este afastamento que senti como artificial poderia levar a que fenômenos interessantes fossem menosprezados por mim, por me serem familiares; ou que existissem saltos lógicos por falta de detalhes importantes ao entendimento do leitor, dificuldades que nem sempre foram ultrapassadas sem orientações ou alertas externos.

Por outro lado, a implicação com o terreno etnográfico foi, sem dúvida, o fator que mais contribuiu para a normalidade que foi o trabalho de campo, mais propriamente, a realização de entrevistas, observação participante, e a construção de um diário de campo; e por isso lhe acrescenta valor. António Gil (2002) faz referência às vantagens da pesquisa de campo, sendo uma delas a relação entre um maior nível de participação com a probabilidade da obtenção de respostas mais confiáveis por parte dos interlocutores. Para o caso, os meus colegas não se sentiram investigados porque, no fundo, eu nunca tive para eles o papel de investigadora, o que poderá ter ajudado a que fossem mais honestos e sem filtros; não tive de me integrar porque já estava integrada, não tive de criar uma relação de confiança porque já existia.

Um fator muito importante e que volta ao ponto inicial do perigo de tornar os interlocutores em fornecedores de dados que fomentem o sentimento de instrumentalização, é a confiança que os meus colegas têm, e que eu tive a certeza de confirmar com todos, de que a minha escolha de tema para a dissertação não partiu de qualquer aproveitamento pessoal – já fazia parte do grupo antes de ser uma possibilidade, não incumpri com as minhas responsabilidades com o grupo no decorrer da produção deste trabalho, e com certeza não lhes vou falhar quando o terminar.

“Por definição, uma pesquisa de campo é limitada, estreitamente circunscrita no tempo e no espaço”, afirmam Beaud e Weber (2007, p. 23); mas este não foi o caso. Entre dezembro de 2022 e o final de março de 2023, todas as minhas idas ao Bairro e atividades

com a Associação Roots resultavam na ampliação do meu diário de campo, usado como ferramenta de descoberta e de verificação (Ibidem, p. 98). Durante este tempo, anotava as conversas que tínhamos nas atividades, temas, sensações, atitudes e, mais para o fim, o ambiente do café. Anotava tudo no telemóvel, com autorização e consentimento tanto dos meus colegas como dos jovens. Estas notas serviram sobretudo para a reflexão e resposta à última questão de partida - “que lugar ocupa a associação no local e na comunidade?” -, uma vez que realçam a relação de confiança que temos com os mais novos através das atividades e com os mais velhos por situações e interações mais pontuais.

As entrevistas realizadas ao grupo foram feitas entre 24 de abril e 24 de maio de 2023. A mais curta realizou-se em 30 minutos, ao passo que a mais longa levou 1 hora e 30 minutos, e tiveram dois formatos: a entrevista ao Gonçalo, ao Raul, à Sofia e à Mariana, bem como a “auto-entrevista” foram feitas individualmente; decidi que seria interessante explorar a dinâmica em duplas, sendo que as últimas entrevistas foram feitas ao Rui e à Beatriz em conjunto; ao Diogo e ao Henrique; e o Gonçalo juntou-se à do André. Três delas foram feitas no espaço da Associação por questões práticas, mas tive a preferência de as realizar num sítio neutro. Foram transcritas e trabalhadas até ao final de maio, e ajudam à compreensão do funcionamento interno da Associação, iniciando e permitindo aprofundar um tema central da dissertação: a discussão entre o formal e o informal. Ainda em julho realizei uma entrevista aos pais do Gonçalo sobre a sua história de vida onde apurei alguns dados relevantes sobre a vida dos três antes do realojamento no Bairro que me encontrava a estudar, pois no seu trajeto haviam residido no Bairro Santa Filomena e o meu interesse orientava-se para o seu processo de adaptação após o realojamento.

Embora planeadas, respeitei o carácter único de todas as entrevistas, com espaço para o diálogo, tendo, portanto, um formato semi-diretivo. Por questões de ética, protegi os entrevistados de qualquer problema que tivessem com a informação que me disponibilizaram acerca das suas vidas, omitindo detalhes que fossem identificativos e com os quais não estivessem à vontade em partilhar publicamente. Para isto, recorri à utilização de pseudónimos e, por decisão conjunta, foram anonimizados não só o nome da Associação como também do Bairro². Neste processo, embora se tenha perdido alguma

² Para o efeito, a Associação vai ser referida ao longo da dissertação como “Associação Roots” e o Bairro como “Bairro” e “Bairro da Amadora”.

informação importante em relação à identidade da Associação e do Bairro, foi garantida a segurança do nosso trabalho e o à-vontade de todos os membros sobre a informação partilhada.

Porém, e como será claro ao longo da dissertação, a delimitação temporal do trabalho de campo não é totalmente clara, tendo utilizado eventos que considere relevantes para além dessa janela temporal definida como trabalho de campo (portanto, entre dezembro e maio) dos quais não teria conhecimento se não fosse já participante antes de investigadora. Existe, na verdade, uma separação entre o estado de investigadora e o estado enquanto elemento da Associação no processo de observação – perceber, memorizar e anotar (Beaud e Weber, 2007 p. 97) - cujo tempo real era muitas vezes partilhado/sobreposto, e por isso nem sempre fácil de aplicar e distinguir para mim própria. Ao mesmo tempo, consegui obter uma visão de maior profundidade sobre as dinâmicas, o histórico e o progresso da Associação, bem como da comunidade.

Entre os Bairros – da Riba Tchada³ ao Bairro da Amadora

Na Riba Tchada

A história do Bairro de Santa Filomena é uma das histórias da democracia portuguesa. É a história de muitos homens e mulheres que nos anos 1970, e por motivos variados, migraram do continente ou das ilhas dos antigos espaços colonizados – então independentes – rumo a Portugal. (...) Eram bairros autoproduzidos que redesenhavam os contornos da cidade desde a década de 1940, quando muitos migrantes das Beiras ou do Alentejo migraram também eles para aí se fixarem (...). Foi nas franjas de cidades como Cascais, Loures ou Amadora, que ao longo do tempo construíram um lugar ao qual chamar casa. – (Alves, 2022 pp. 113-114).

E é a história do Nhaco⁴ e da D. Maria. O Nhaco nasceu em Cabo Verde e veio para Lisboa com 17 anos, em 1972. A D. Maria veio do Fundão, Castelo Branco, e conheceram-se em 1974 na fábrica onde trabalhavam, mas foram para a Encosta Nascente (Riba Tchada) apenas em 1983, três anos após o casamento.

A vida do Nhaco até à ida para a Riba Tchada é marcada por uma forte instabilidade em termos habitacionais. Chegou ao aeroporto vindo de Cabo Verde e, à semelhança de tantos outros imigrantes, foi-lhe concedida uma autorização para ficar ali perto, numa “caserna”. Viveu em quartos com atualizações de residência que duravam entre 15 e 30 dias, com necessidade de as renovar quando a data-limite se aproximasse. Após o 25 de abril, o primo concedeu-lhe um quarto que conseguiu através do movimento de ocupações, organizado por um sindicato. Com a D. Maria, viveram ainda nas Galinheiras e em casa da mãe dela, até chegarem à Amadora, onde ouviram dizer que podiam construir casa.

O bairro Encosta Nascente é um bairro vizinho do Bairro Santa Filomena (BSF) e o Bairro Estrada Militar, localizados na Amadora, muitas vezes tomados na literatura produzida como sendo o mesmo (Bairro Santa Filomena), mesmo após a distinção feita Jorge, (2022); por Alves, (2022) e também pelos habitantes daquela zona, provavelmente pela proximidade, processos e identidades semelhantes e relações de confiança entre bairros. A primeira vez que ouvi a distinção foi na conversa com o Nhaco e a D. Maria, sendo que o Gonçalo se referia sempre ao bairro onde cresceu como BSF ou Riba Tchada. A distinção dos pais do Gonçalo foi feita também para evidenciar as diferenças entre os bairros: o BSF tinha arruamentos e mais espaços de socialização, o acesso era facilitado,

³ Riba Tchada significava “em cima da colina”. Olhando para a cartografia do território, torna-se mais evidente a utilização da expressão. Ana Rita Alves utiliza “Ribaxada”, eu escolhi manter a forma escrita que o Gonçalo me indicou.

⁴ O nome do Nhaco é João, mas escolhi manter a expressão em crioulo que, dirigida ao João, significa “grande homem”. No café da Riba Tchada, era comum chamarem ao João de “nhaco di homi”, ficando com a alcunha.

quer por caminhos diretos quer pelas condições do terreno, em comparação com a Encosta Nascente.

O BSF (agregado) foi o bairro de autoconstrução de maior dimensão no concelho da Amadora. As famílias que para lá foram viver compraram informalmente uma parcela do terreno e foi através de um abaixo-assinado entregue à Câmara da Amadora que acederam à rede de água e eletricidade (Jorge, 2022).

As habitações eram construídas aos fins de semana e nas horas vagas com a ajuda dos vizinhos e familiares. Existiam redes de entreajuda (como o caso das amas) e construía-se outras relações de amizade e solidariedade à medida que o tempo passava; o cimento era partilhado e a ajuda ia chegando no edificar das casas (Alves, 2022), no fim reuniam-se em jantares e convívios como forma de agradecimento e partilha.

A D. Maria abandonou o trabalho na fábrica em 1989; Nhaco saiu apenas em 1990, ano em que fundou a Associação Amigos da Encosta Nascente que funcionava como creche e ATL no bairro. O Nhaco e outros moradores do bairro construíram, com o orçamento disponibilizado pela Câmara Municipal da Amadora, o edifício que viria a ser a associação. Em 1992, abriram o café “Encontro de Amigos” no primeiro andar da sua casa, que era ocupado até então por crianças que passavam lá os tempos livres e que, de certa forma foi o início da associação (simbolicamente falando) pré-formalização. Inicialmente, a D. Maria assegurava o funcionamento total do café, até que o Nhaco se juntou a ela ao balcão.

O projeto da associação foi proposto pela Câmara, através de uma assistente social que se dirigiu aos moradores do BSF com a proposta; era uma associação sem fins lucrativos, os funcionários eram da Câmara, havendo apenas 3 trabalhadoras do bairro; as crianças inscritas pagavam mensalidade, os sócios pagavam quotas e era também um espaço utilizado (através de aluguer) para eventos festivos como batizados e casamentos. A D. Maria, durante a conversa, manifestou sentimentos de injustiça por terem desvirtuado a ideia ao retirar o poder aos moradores do bairro de decidirem o rumo da associação e do projeto no qual investiram tanto tempo e força de trabalho na construção do espaço físico.

Nhaco foi o primeiro presidente da Associação Amigos da Encosta Nascente, carregando muita responsabilidade sobre o seu funcionamento. Passado um tempo, a direção invocou novas eleições por motivos conflituais, e a sua lista perdeu. Na altura, a

D. Maria ainda estava sozinha no café e advertiu o Nhaco, que, com as melhores intenções, continuava a investir tempo e energia: “aquilo não é nosso, é do Estado”.

Os anos passaram e a família do Gonçalo foi vendo o bairro ser destruído. Tal como tantas outras famílias que lá habitaram, carregam uma memória de luta e resistência do que foi um processo traumático de demolição e realojamento. Para o caso específico deste agregado familiar cujo sustento económico vinha de um estabelecimento comercial no bairro, o realojamento teve um fator positivo: num bairro a desaparecer, os clientes não abastavam. Em 2015 o processo de demolição já estava bastante avançado e o aviso de realojamento só lhes chegou em 2016. Foi-lhes dado 3 bairros sociais de realojamento como opção e o Bairro da Amadora, aquele que é o objeto desta dissertação, foi o escolhido.

No Bairro da Amadora

Pela altura do processo de realojamento, ouviam que o Bairro não era bom. Os primeiros tempos de residência foram marcados por sentimentos de ansiedade e insegurança, com medo de eventuais conflitos e problemas. Nhaco lembrou um “amigo bêbedo” que lhe deu força para ir, dizendo que “no Bairro da Amadora é gente boa, aquilo é bom”.

O Bairro da Amadora, é um empreendimento constituído por 700 fogos, sendo que 502 acolhem famílias (compondo um total de mais de 2000 pessoas) com origem em bairros inscritos no Programa Especial de Realojamento (PER) para as áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, criado pelo Decreto-Lei nº.163/93 de 7 de maio. O realojamento iniciou-se em 2001, 188 dos fogos foram vendidos a custos controlados e 10 alvo de outros realojamentos.

Em 2017, Nhaco, D. Maria e o Gonçalo chegam ao Bairro. Isabel Guerra, no texto *Grupos sociais, formas de habitat e estrutura do modo de vida* (1998) debruça-se sobre os elementos, além do funcional, que tornam a habitação uma peça fundamental da estruturação urbana, da organização coletiva e a influência que esta tem sobre as relações sociais; nas várias formas de apropriação do espaço, quer sejam simbólicas, culturais ou afetivas. Gonçalo recorda a infância e adolescência no BSF com muito carinho e saudade, em especial da forma como viviam. Contudo, confessa que “(...) nós tínhamos uma cena inconsciente que era... nós e depois ‘o pessoal dos prédios’. Nós achávamos que o pessoal dos prédios vivia melhor... então quando viemos para os prédios nós percebemos que

vivíamos melhor (antes).” – (Entrevista realizada ao Gonçalo, dezembro de 2021). Foi um processo de adaptação para todos também revelador de algumas diferenças intergeracionais. O Gonçalo, por exemplo, tinha uma ideia que ele próprio concebe como estigmatizante da sua condição enquanto morador de um bairro de autoconstrução, em comparação com o “pessoal dos prédios”; ao passo que o Nhaco e a D. Maria tinham medo de que “o pessoal dos prédios” fosse má gente. A ida para a o Bairro foi pacífica e o primeiro passo da família foi, assertivamente, pedir à Câmara uma loja para que pudessem “manter” o café e a sua forma de subsistência. Assim, abriu o Café Encosta Nascente do Nhaco e da D. Maria, porque segundo ela “a gente sai do bairro, mas o bairro não sai de nós”.

Existe um sentimento partilhado entre os habitantes do Bairro relativamente à construção do sentimento de comunidade e às redes de relações nos bairros de origem pré-realojamento: antes, a comunidade era mais unida, vizinhos ajudavam-se mutuamente e retribuíam a ajuda com o que pudessem, uma realidade também descrita por Ana Rita Alves (2022) na sua obra *Quando Ninguém Podia Ficar*.

O terceiro objetivo assumido do PER – potenciar uma mudança no estilo de vida das populações realojadas – é baseado numa visão estigmatizante dos “bairros de barracas” que o texto legislativo não procura esconder:

Complementarmente à resolução do problema habitacional, é oferecido aos municípios ou instituições particulares de solidariedade social um programa alargado de inserção social das comunidades envolvidas, visando a criação de condições a uma plena integração destas populações na comunidade e combatendo os problemas de criminalidade, prostituição e toxicodependência, entre outros, a que a exclusão social motivada pela falta de condições habitacionais condignas as deixou votadas (Decreto-Lei n.º 163/93 de 7 de maio DR, I Série – A n.º 106 07-05-1993)

Para o caso, numa tentativa de cumprir o terceiro objetivo do PER, a Câmara Municipal da Amadora, optando por uma política de dispersão de pobreza, acabou por quebrar laços comunitários e/ou familiares pré-existentes, o que dificultou a ambientação e até algumas lógicas utilitárias de certos grupos e/ou agregados familiares: as relações com a família e vizinhos com quem podiam contar, nos bairros antigos, para fazerem de “amas”, “pedirem uma batata” se não tivessem, ou para “fazer uma puxada de água ou eletricidade” e dividir a conta no fim do mês, tiveram um fim com a política de dispersão de pobreza.

Estas alterações na forma de viver e habitar trazem dificuldades acentuadas para alguns dos residentes dos bairros sociais de realojamento; eis exemplos mencionados na

entrevista realizada em dezembro de 2021 a Gonçalo e L.: com a adição de uma renda às despesas de um agregado familiar, é comum a acumulação de jornadas de trabalho, que, por sua vez, é impedimento para um correto e saudável acompanhamento dos filhos por parte dos pais, além da redução do tempo disponível para outras atividades. Este problema, que nos bairros de origem era solucionado pelas relações já existentes de apoio e solidariedade, agora aparece por solucionar, uma vez que estes fatores se influenciam uns aos outros e a criação da comunidade como existia noutros sítios de forma orgânica é dificultada até pela construção vertical do edificado “... agora vivemos uns em cima dos outros, o pessoal não se vê com tanta regularidade” – constata Gonçalo.

Foi a experiência entre bairros que contribuiu muito para que Gonçalo tivesse a vontade de fazer algo novo na sua nova casa e pelas pessoas com que partilha agora novos espaços. Perderam-se os sentimentos que lhe eram familiares de solidariedade, convivência e apoio, que ele tentou reavivar com a criação da Associação Roots no Bairro da Amadora. Perdeu também o local onde as crianças passavam tempo de qualidade, marca muito forte na sua infância, e construiu, à sua maneira, um espaço seguro para que as crianças do Bairro pudessem ser, estar e criar.

História da Associação Roots

O início formal e burocrático

A Associação Roots é uma das duas associações sem fins lucrativos com ação no Bairro da Amadora, a par da Associação Y. Segundo a obra *Quantos Caminhos Há No Mundo*: de Alexandre Silva e Fernando Luís Machado (2009), cerca de 60% da população do Bairro são jovens e crianças. Faz assim ainda mais sentido que o trabalho da Associação seja orientado para o apoio e educação das crianças e dos jovens.

A Associação Roots foi fundada no final de junho de 2019 por Gonçalo e J. A discussão sobre a criação do projeto e o rumo que este iria tomar levou mais ou menos um ano. Os órgãos sociais são compostos por 9 pessoas – 3 na Direção, 3 no Conselho Fiscal, 3 na Assembleia Geral. Registada como uma associação juvenil sem fins lucrativos sediada no Bairro da Amadora, assume vários objetivos explícitos no documento relativo à Constituição de Associação, reconhecido pelo Registo Nacional de Pessoas Coletivas da Conservatória do Registo Comercial. Com efeito, aí se lê a: promoção da reflexão da comunidade sobre o desenvolvimento local; dinamização iniciativas sociais, culturais e ambientais; pôr em prática programas que visem o desenvolvimento local; contribuição para a melhoria da qualidade de vida de cidadãos em situações de vulnerabilidade social (Artigo 2.º dos Estatutos da Associação Roots).

Relativamente às receitas da Associação, estipula o Artigo 3.º que as principais fontes de financiamento são as receitas das atividades sociais, o valor pago pelos sócios no ato da inscrição, rendimentos dos bens próprios da associação; quotas fixadas pela assembleia geral; subsídios atribuídos e liberalidades aceites pela associação.

O nome da associação “Roots” simboliza o objetivo que os membros fundadores têm de incentivar outros a fazerem boas ações através das suas iniciativas. Isso resulta, também, no olhar positivo que os moradores do bairro acabam por ter sobre o trabalho realizado pela associação:

As pessoas começam a olhar para a Associação e para mim neste caso porque estou sempre aqui, as pessoas vêem-me como... eu diria como um exemplo... não estou a dizer isto de um modo arrogante, acho que as pessoas olham para mim e para a associação e pensam ‘ele está a fazer uma coisa que achamos que o bairro necessita, então vamos apoiar ou vamos fazer igual’ e as crianças a mesma coisa, elas olham para nós como responsáveis e alguém em quem confiam para pedir conselhos ou ajuda com os trabalhos de casa... – (Entrevista a Gonçalo em dezembro de 2021)

Com estas palavras, podemos perceber que a Associação não se fecha às iniciativas, quer sejam pontuais, quer sejam projetos pilar, e que existe um sentido de comunidade, entreajuda e apoio que é consequência da responsabilidade, do trabalho feito pela Associação e de uma presença constante na vivência dos residentes do bairro, especialmente dos mais jovens.

A vitalidade do informal

A Associação começa a sua ação no bairro em 2019, com dois projetos pilar e regulares:

- recolha e distribuição de alimentos;
- recolha e separação de lixo;

... e nasce por necessidade – Gonçalo diz que em 2021, referindo-se à altura pré-fundação da associação, que “saía de casa para ir para a faculdade e reparava que aqui faltava alguma coisa, aqui existia um vazio mesmo: as ruas completamente sujas, famílias carenciadas sem qualquer tipo de apoio. A Associação nasce da necessidade de preencher esse vazio”.

O caminho da Associação entre 2019 e 2022 é marcado pela descoberta do que são as necessidades da comunidade, descoberta do próprio rumo, reconhecimento das limitações da Associação; encontrar as pessoas (elementos) e o como, mesmo não tendo dúvidas de que a missão se mantenha desde o início. Isto explica as várias constituições do grupo e o surgimento de novas atividades, o que não quer dizer também que daqui para a frente sejam estanques e o caminho linear.

Portanto, entre 2019 e 2022 o foco da Associação era garantir a recolha do lixo no bairro e o provisionamento alimentar da comunidade. Uma das primeiras estratégias que adotaram foi a construção de uma base de dados, através da sinalização porta a porta de todas as famílias em situação de privação no Bairro da Amadora. Em 2021 contava com cerca de 90 famílias e atualmente ultrapassa as 100. Foi em 2020 que o provisionamento passou a ser mais consistente, não só no Bairro da Amadora, mas em outras zonas da Área Metropolitana de Lisboa, numa altura em que a Associação trabalhava diretamente em rede com outros grupos, durante a pandemia. Pontualmente e à semelhança de agora, eram organizados passeios para os jovens e atividades de foro cultural ou social diversas, como idas à praia e aulas de capoeira.

Em 2022, a Associação começou a desenvolver a sua vertente educacional. O primeiro passo foram as aulas de pintura e desenho, e a partir daí fomos encontrando formas de poder, através de diferentes focos educacionais e com estratégias diferentes em cada um deles, ser influências positivas na vida das crianças e dos jovens com a consistência que é precisa. Seguiram-se os círculos de mulheres, os círculos de homens e o apoio ao estudo - cujo regresso estamos a preparar, mas encontra-se em pausa.

Sobre o funcionamento da Associação, importa referir que: o trabalho é partilhado entre todos, muito consoante a disponibilidade de cada um. Neste sentido, e se houver tarefas delegadas a alguns dos membros, serão as pessoas destinadas a assegurar determinada atividade durante a semana e o material disponível para as limpezas. Respeitam-se os princípios da horizontalidade e existe efetivamente espaço para partilhar, em pé de igualdade, opiniões e sugestões.

A sustentabilidade económica da Associação vem de donativos mensais das pessoas que seguem o percurso da Associação, amigos, família e conhecidos que consideram ser o projeto (ou um dos projetos) que escolheram apoiar. A organização é feita por membro, isto é, cada elemento do grupo fica encarregue de preencher um excel, no início de cada mês, com o nome e respetivo valor doado das pessoas que, por seu intermédio, apoiam a Associação financeiramente. Até agora, estão neste grupo 120 pessoas. Através das redes sociais – Instagram e Whatsapp – mantemos este grupo e mais pessoas atualizadas do trabalho da Associação, com o objetivo de garantir a transparência na utilização dos recursos que nos são providenciados.

Na prática, os elementos reúnem-se uma vez por mês, desde o início de 2023, para discutir o rumo da Associação, a estratégia, fazer um balanço geral do decorrer das atividades e como devem ser adaptadas no futuro. Nelas discutem-se também problemas, avanços e recuos específicos, por exemplo, sobre determinados jovens ou famílias. Pontualmente também são discutidos eventos que tenhamos de organizar com outras associações, pessoas, grupos ou espaços.

O afastamento desta lógica ligada ao poder local ou a outro tipo de instituições foi iniciado pelo Gonçalo, potenciado pelas leituras que o foram construindo politicamente e, também, pelo choque inicial quando não lhe concedem os apoios que esperava. Quanto mais afastados das instituições, mais o caminho se faz próximo das pessoas.

Chegados a 2023, estão reunidas 10 pessoas – sendo que apenas o Gonçalo se mantém desde a fundação da Associação Roots – e todas acreditam, não só na ação da Associação, mas também na ideologia que a sustenta, podendo resumir-se a princípios de auto-organização e gestão, e apoio mútuo, deixa espaço para nuances e diferenças no pensar de cada um dos membros, nomeadamente sobre os benefícios de suportar e manter a Associação com estatuto legal ao invés de informalizar o grupo.

Quem faz a Associação?

A Associação é, neste momento, composta por 10 elementos – 4 mulheres e 6 homens - de idades compreendidas entre os 20 e os 42 anos. Desde a sua fundação, já houve mais de 4 constituições diferentes, o que é indicativo de que, por um lado, a Associação é um organismo vivo e em constante mudança e que, também por isso, entradas, saídas e conflitos são inevitáveis.

O grupo é bastante heterogéneo no que toca à formação e ocupação de cada um dos elementos. Quanto às trajetórias de vida, já havia relações estabelecidas, que vou com certeza tentar simplificar neste subcapítulo, criando assim 3 grupos distintos: os que aqui estão porque conheciam o Gonçalo, os que conheceram a Associação por terceiros e os que chegaram à Associação através das redes sociais. No primeiro grupo temos o Rui e o Henrique (também o Gonçalo) que se conheceram uns aos outros na escola primária. No segundo temos a Mariana, o Raul, eu e a Sofia. No terceiro grupo, a Beatriz, o Diogo e o André.

Os motivos que nos levaram a todos, individualmente, ao Bairro são interessantes no sentido em que acabaram por juntar um grupo de pessoas que partilham uma forma semelhante de pensar e ver o mundo, mesmo numa altura em que a Associação se estava a definir, não pela sua missão que foi sempre apoiar a comunidade, mas pelo modo de operar. Contudo, podem bem ser fruto de sorte ou acaso. As razões que nos mantêm lá são, sim, dignas de se explorar. Para isso, recorri à realização de entrevistas semi-diretivas a todos os elementos do grupo. Mas escolhi apenas quatro para apresentar com mais detalhe: a do Gonçalo, como não podia deixar de ser; da Mariana, pela trajetória de vida e porque trabalhamos juntas com a Sofia no círculo de mulheres; o Raul, porque “dá aulas de desenho” que não são só aulas de desenho; e eu, para ajudar a compreender a razão de estar a realizar a investigação sobre a Associação e a minha motivação pessoal.

As primeiras perguntas que dirigi aos meus colegas foram sobre o *background* de ativismo e associativismo de cada um e como surgiu o interesse político nas suas vidas. Esta pergunta é importante porque a Associação tem uma ideologia mais ou menos partilhadas por todos que a sustenta; inclusive alguns disseram-me que foi a própria Associação que os levou a um despertar político. As perguntas seguintes incidiram sobre como chegaram à Associação, porque é que se mantiveram e como é que a Associação se destaca de projetos passados. Esta pergunta obriga, de facto, a uma comparação, mas foi

naturalmente pensada com a certeza de que sim, se destaca de alguma forma. As respostas confirmaram. As seguintes foram relativas ao trabalho que temos feito: o progresso e o que pode, gostavam e acham necessário que venha a seguir. No final, pedi que me respondesse à pergunta “o que é a Associação para ti?”.

Em seguida apresento uma síntese de cada uma das entrevistas procurando cruzar elementos biográficos, dados etnográficos e as respostas que me foram dadas.

O Gonçalo

O Gonçalo tem 25 anos, nasceu na Amadora e viveu no Bairro Santa Filomena até 2017, quando a família foi realojada no Bairro da Amadora, tinha ele 20 anos. É licenciado em Ciência Política pelo ISCTE-IUL e, quando terminou a licenciatura, decidiu criar a Associação Roots. Até há bem pouco tempo, aquando da entrevista e segundo as palavras dele, acumulava 3 trabalhos: um num hotel, (tendo apresentado a carta de demissão pouco depois da entrevista), a ajuda que dá aos pais no café, e o trabalho na Associação.

Lula da Silva despertou o Gonçalo para a política. Com 17 anos, viu um documentário sobre Lula, e uma frase ficou-lhe na cabeça. Algo do género “o pessoal critica muito os políticos, mas se calhar o político que as pessoas procuram pode estar dentro delas”. Esta frase levou-o a escolher Ciência Política para seguir a sua formação, mas o resultado foi um pouco contrário ao que esperava. Perguntei-lhe como é que a licenciatura o ajudou nesse aspeto, e a resposta: “foi positivo no sentido em que não posso contar com Ciência Política para me ensinar política”. O que reteve do curso foi que a visão que nos passam na faculdade é que a forma como vivemos é uma inevitabilidade, sempre subordinados a algo e de uma perspetiva sempre eurocêntrica. Quando saiu do ISCTE-IUL, em 2018, percebeu que não era esse o caminho que queria seguir.

O histórico de associativismo vem desde que Gonçalo se lembra de ter passado a infância numa creche, uma associação que o pai dele ajudou a construir – literalmente. Foi o fundador e ajudou na construção do espaço físico. Sobre esses tempos, diz: “no verão tínhamos sempre aquelas idas à praia e eu gostava. Quando vim para o Bairro não vi isso. Então, pá... tentei fazer a minha parte. Não fazemos exatamente a mesma coisa, mas acabamos por trabalhar com jovens. Foi daí que veio também essa vontade de abrir uma associação.”.

Percebi, ao longo de várias conversas com o Gonçalo e outros moradores, embora esse tema não tenha sido aprofundado nesta entrevista, que o sentido de comunidade que foi construído nos bairros de origem das populações, perdeu-se com o realojamento. Muitos lembram com saudades os tempos dos bairros onde cresceram: tempos de menos violência e mais solidariedade. Esta é a realidade dos habitantes dos bairros de autoconstrução, que a opinião pública e alguns decisores políticos insistem em denominá-los de bairros de lata, que o Programa Especial de Realojamento “veio melhorar”. A criação da Associação Roots foi fruto, também, da vivência do Gonçalo no BSF que ele tentou recuperar, ou melhor, trazer para o Bairro da Amadora.

A fundação da Associação Roots também tem raízes no ISCTE-IUL. No terceiro e último ano de licenciatura, o Gonçalo começou a ter contacto com um outro grupo associativo, de onde surgiram convites para que ele o integrasse, e que foram recusados por metodologias e ideias divergentes. Pensou, então, que podia ele começar algo. Entre 2018 e 2019, reuniu com várias pessoas que entravam e saíam do que era, ainda, a construção duma ideia. Até que, em 2019, reuniu um grupo com colegas da faculdade onde a maior parte eram estudantes de Ciência Política, e fundaram a Associação, no Bairro da Amadora.

Em 2019, a Associação foi fundada – legal e burocraticamente – mas “prai 90% ou 95% não aparecia (...) o grupo que temos agora não tem nada a ver com o grupo que iniciou. Tipo, foi um processo... cada um entrou ao seu ritmo”. A própria ideia da Associação, no imaginário do Gonçalo, tinha contornos muito diferentes do que acabou por ser: “(...) eu tinha a ideia que pronto, vou abrir uma associação, vou pedir apoio à junta, à câmara, eles vão dar o apoio, nós vamos fazer o trabalho... eu queria abrir um gabinete para dar apoio tipo documentação aí ao pessoal, para ter um psicólogo, etc. Isso era a minha ideia. Depois fundei a Associação e tive um choque (risos)”. O choque veio porque, no fim de contas, o apoio não chegou. Rapidamente adotaram a estratégia de tentar perceber o que a comunidade precisa de facto, antes de definir o que a qualquer ação. Deram início às ações de higiene urbana autónomas, a que ainda hoje chamamos de “limpeza”. O rumo que a Associação tomou até agora é, contudo, um pouco afastado do idealizado, uma vez que o foco das atividades e quem mais nelas participam são as crianças.

A decisão de fundar uma associação formal e legal veio, segundo o Gonçalo, do que ele foi assimilando ao longo do tempo e em especial em Ciência Política, que é a

ideia que nos é apresentada: que o primeiro passo de grupos e associações deve ser ir ao encontro de apoio institucional. Esta forma implica sempre um grau de dependência e autorização de determinados atores, como o poder local. A certa altura, a Associação e o Gonçalo decidem trabalhar com pessoas interessadas na forma de trabalhar à parte das instituições, que se juntam de forma voluntária.

Lá está, ao mesmo tempo que eu não gostava de certas coisas que aprendia, não vou mentir, era assimilado. Não digo completamente, mas ao mesmo tempo que muita coisa não me fazia sentido, certas coisas eu ia reproduzindo. Só com o tempo é que fui desconstruindo, através de leitura de pessoal... revolucionário né, não há outra palavra. 'Tou... 'tou contente com o trabalho que temos desenvolvido porque... também fico contente de trabalhar com pessoas que percebem que dá para trabalhar de outra maneira sem ser tipo... numa maneira subordinada. – (Entrevista a Gonçalo, 12 de maio de 2023)

Em 2020, o trabalho da Associação começou a ser mais consistente, numa altura que a Associação tinha estabelecido parcerias com outros grupos da Amadora. Foi nessa altura que sucederam à construção da base de dados que sinaliza as famílias em situação de privação, que agora contém apenas famílias no Bairro da Amadora, mas que nessa altura continha agregados familiares fora da Amadora, por exemplo, Camarate, de onde surgiu o pedido de apoio ao qual o Raul respondeu e, assim, conheceu a Associação Roots.

Depois de algumas saídas, novas entradas e alguns conflitos, o Gonçalo tornou-se uma pessoa mais atenta a quem “aceita” dentro da Associação, e diz fazê-lo por respeito à comunidade. Já teve a sensação de trabalhar com pessoas que mantinham uma distância da qual não é fã e sentiu a falta de compromisso de outros na pele, quando muitas vezes fazia o trabalho sozinho. Também por isto, a par de uma certa, mas não total, partilha ideológica entre os membros que constituem, atualmente, a Associação, diz estar muito à vontade com todos, “apesar de não sermos todos melhores amigos”. Nunca fechou as portas a ninguém, à partida, mas já teve de convidar algumas pessoas a sair do grupo. Não o disse, mas também o faz por respeito aos colegas, quando necessário, e à missão da Associação. Recusou, em acordo com os restantes membros, uma oferta difícil de recusar onde nos foi oferecido apoio financeiro sem limites, para o que precisássemos – alimentos, material de recolha de lixo, produtos de higiene menstrual, material escolar, etc e até “mão de obra voluntária” – de um investidor com capacidade real para suportar os custos da proposta. Contudo, ser a bandeira da responsabilidade social de uma empresa não faz parte dos planos da Associação.

Ao Gonçalo, o que mais agrada no grupo que temos agora é a consistência do nosso trabalho, que considera ser também a chave para o impacto positivo que temos e

vamos tendo no bairro: limpamos as ruas do Bairro duas vezes por mês, temos círculos e desenho todas as semanas. A par da consistência, a transparência, que faz com que as pessoas ganhem confiança no grupo - leva tempo e trabalho a ganhar -, não só da parte dos adultos, como das crianças e jovens. Acrescenta: “O pessoal também já vem recalçado de experiências anteriores. Então claro, e com todo o direito, não acreditavam (...) eu ouvi várias vezes ‘ya o gajo vai fazer isto um x de tempo, depois vai tirar o pé, vai bazar’ ya... (...) chega um tempo que o pessoal vê um gajo sempre aqui e traz pessoas novas que também estão sempre aqui, o gajo se calhar é de verdade, ya...”.

O passo a seguir, para ele, é envolver mais pessoas do bairro nas atividades e projetos para que a comunidade se torne mais consciente e participativa politicamente; abrir mais as portas aos adultos, para que eles se sintam à vontade para nos dizerem o que precisam e o que sentem. Acredita que “o trabalho coletivo cura”; trazer mais pessoas do bairro para trabalhar connosco podia trazer benefícios sociais e psicológicos, contribuindo para os seus sentimentos de pertença, e combater o isolamento.

Em troca, o Gonçalo gostaria de ver “toda a gente a queixar-se” de forma consciente, em conjunto, e trabalhar em conjunto, dando um passo em frente nesta espécie de apoio mútuo que a Roots promove: “(...) aqui temos problemas de habitação. O que não falta no bairro é pessoal que trabalha nas obras, mano. (...) tas a mostrar às pessoas, as pessoas vão perceber ‘então afinal estamos aqui há 20 anos com problemas em casa e bastava pedir ao vizinho, em vez de 20 anos a pedir à câmara’ (...)” e assim, implicar com o sistema.

Em resposta à última questão, a “pergunta filosófica”, começou por dizer que ia parar de usar o termo “associação” e começar a utilizar “grupo”, um sinal entre tantos da sua vontade de tornar a associação um grupo mais informal e menos burocrático possível. Diz que, no fundo, é tudo. E este tudo é começar algo que outras pessoas, os jovens com quem o grupo trabalha e os adultos com quem lida, que é possível fazer “uma cena diferente, sem ser subordinado, sem estarmos a reproduzir aquele papel de vítimas que só sabem pedir coisas (...). No fundo, o “tudo” é a ação.

Através do Gonçalo - O Henrique e o Rui

O Henrique

O Henrique tem 26 anos e vive na Amadora, onde nasceu e foi criado. Aos 15 anos teve de mudar-se para Oeiras com a mãe. Foi em Oeiras que começou a estudar

Informática, profissão que exerce atualmente. Começou a interessar-se por política na altura em que “vivía pior em casa”, durante a crise, quando sentiu mais dificuldades e a mãe menos presente. Ainda assim confessa que, para ele, até ter entrado na Associação, a política era uma “coisa chata”.

O Henrique chegou à Associação depois de uma temporada afastado dos amigos de infância, como o Gonçalo e o Rui. Por motivos pessoais sentiu necessidade de se reaproximar; e essa reaproximação, motivada por questões emocionais e pessoais, levou a que o Gonçalo o convidasse, mais cedo ou mais tarde, a trabalhar com ele, em 2021. Isto levou a que o Henrique tivesse uma integração diferente dos outros elementos por não ser motivada por questões ideológicas e políticas assentes no trabalho da Associação: primeiro veio a amizade com o Gonçalo e com o tempo passado em convívio no Bairro da Amadora, e só depois surgiu o interesse em participar nas atividades. A ideia que lhe foi passada ao entrar na Associação foi “se ninguém faz por nós, vamos nós fazer”, missão que aceitou de bom grado, especialmente por se sentir em casa.

O Henrique destaca, no trabalho da Associação, o foco na raiz dos problemas – o provisionamento, a educação, a limpeza das ruas do bairro – e desmarca também a Associação das formas típicas de “ativismo de manifestações”, uma vez que a nossa ação é efetiva e material. Mas além da missão, para ele, o convívio entre o grupo de adultos e as crianças e jovens é por si só uma fonte de alegria: “eu não sinto prazer em apanhar lixo (...) é chato, cheira mal (...) mas o facto de eu estar a fazer isso com os putos e estar a rir com eles ou ter de berrar com eles para fazer as coisas, ver o Gonçalo a cair e sujar-se, estar a falar com o pessoal (...) terminarmos e irmos jogar à bola, virmos para aqui comer ou estarmos mais um bocado a falar... isso para mim é o que dá mais prazer.”.

O Rui

O Rui tem 26 anos, nasceu e estudou na Amadora a vida inteira, e com o Gonçalo até ao fim do 3º ciclo. É licenciado em Informática, profissão que exerce atualmente. O Rui é o membro do grupo atual que acompanha a Associação há mais tempo, a seguir ao Gonçalo. Os dois já eram amigos de infância e o caminho conjunto na Associação Roots começou no início de 2020, pouco antes de os dois terem ido à Kova da Moura comprar uns livros, onde adquiriu a obra de Angela Davis *A Liberdade É Uma Luta Constante*, que diz ter sido o livro que o despertou para a política e um novo entendimento de experiências pessoais passadas.

O que fez com que o Rui quisesse ficar na Associação foi o empenho e a consistência do que já havia sido feito. É de notar que o Rui entrou poucos meses depois da criação da Associação e já havia provas de que a Associação queria ser - ou fazer - algo diferente. Na verdade, até para quem estava de fora, como era o caso do Rui nessa altura, já era algo diferente. É claro que a confiança e amizade de muitos anos que havia entre os dois (ele e o Gonçalo) foi também um fator incentivante, mas “ver realmente o trabalho que é feito todos os dias... isso foi mesmo o que me fez ‘ok, quero ficar aqui, quero ajudar, quero conhecer’”.

O Rui mostra curiosidade em saber o que vem no futuro e as vias que a Associação vai seguir, eventualmente. Embora não tenha desenvolvido o raciocínio, diz: “o que nós fazemos é política, mas é necessário poder político”. Além do interesse político, confessa ser uma pessoa tímida e que procura enfrentar essa característica também através da Associação.

Fala também do equilíbrio e cuidado que temos de ter no que tentamos que seja a aproximação da Associação às pessoas do Bairro e na forma como ganhamos ou perdemos a confiança da comunidade, até porque muita da responsabilidade em trazer pessoas para dentro recai sobre o Gonçalo. Diz, ainda, que a maior dificuldade é precisamente passar para lá da cordialidade com os adultos, e espera que a Associação venha a desenvolver mecanismos para reverter este entrave. Além da comunidade no Bairro da Amadora, considera importante criar redes com outros bairros entre pessoas interessadas.

Através de terceiros – a Mariana, o Raul, a Sofia e eu

A Mariana

A Mariana nasceu na Áustria e com 36 anos já viveu em vários países, tendo contacto com sociedades diferentes desde muito nova pelas várias alterações na vida profissional e pessoal dos pais. Vem de uma família com “carro para a mãe, carro para o pai”. Não vive na Amadora, mas vive, como todos, na Área Metropolitana de Lisboa, perto o suficiente para se deslocar facilmente até à Associação. É licenciada em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, mestre em Relações Internacionais e não fez um doutoramento na Austrália porque não lhe atribuíram a bolsa completa. Acumula uma pós-graduação em Criminologia e Reinserção Social e vários outros cursos

que foi fazendo, como mediação de conflitos e línguas. Atualmente, é tradutora, mediadora de conflitos e professora de português para estrangeiros.

A Mariana percebeu desde muito cedo, aos 4 anos quando vivia em Inglaterra, na altura da guerra do Kuwait, que alguma coisa estava mal. E mesmo antes de conseguir conceptualizar o que fosse, conheceu as desigualdades sociais. Relembrou as imagens chocantes que passavam na televisão dos “meninos desnutridos” que marcaram a sua infância e as tropas de fato camuflado que construíam o seu quotidiano “havia muitas pessoas de fatos de tropa na zona, nem que seja a passear... camuflados, e eu não gostava deles. Indo lá para trás, eu percebi que não estava certo”. Entre a Áustria, o Porto Rico e a entrada na escola pública em Portugal, percebeu que as pessoas eram diferentes.

Foi na escola pública que, mesmo não tendo a melhor das ideias sobre os professores, surgiu o interesse político de forma mais consciente, depois de conhecer o Fernando Rosas. Começou a seguir o Bloco de Esquerda, nunca sendo militante, e a participar em mobilizações antiamericanismo e anti-imperialismo. Nunca militou em partidos, diz não lhe agradar o caráter formal dos projetos de voluntariado e na faculdade não seguiu os conselhos que ouvia para ir trabalhar nas empresas de seguros ou um qualquer escritório de advogados; foi assim que foi, enquanto estagiária, para uma associação de apoio às vítimas da guerra da ex-Jugoslávia, na Sérvia, onde o seu interesse era a mediação de conflitos.

Começou a ter interesse por um movimento social europeu - onde conheceu o Raul - cujo foco de interesse eram os coletivos locais, criando um coletivo em Oeiras, em 2016. Teve uma longa caminhada até ao órgão de coordenação dos coletivos europeus. Entre a Sérvia, o Kosovo, a Grécia e outros países, a ONU, movimentos sociais europeus, várias associações, *think thanks* e projetos próprios, algumas desilusões, mas muito trabalho feito, a Mariana chega à Associação no início de 2022, através de um professor do ISCTE-IUL já conhecido do Gonçalo. Conheceram-se no movimento, e o convite do Professor chegou-lhe de forma ambígua e ao início não percebeu a razão de ele querer levá-la à Associação:

Eu não sabia quem era a associação, não sabia quem eles eram, não sabia nada, era “vamos falar para a Roots”, e eu: “a Roots, hmm não tou a ver quem são, não me lembro deste pessoal lá dos outros tempos”. E depois eu pensei, a minha reação imediata foi: vou deixar isto um dia aqui parado porque tenho de pensar sobre isto e felizmente ele não me ligou, mandou-me mensagem porque o meu primeiro pensamento foi “eu não quero falar de nada com ninguém, tipo, não tenho nada para dizer nem para falar... quero lá saber (risos) eu quero lá saber!!” – (Mariana, entrevista realizada a 24 de abril de 2023)

O interesse em ligar pessoas e criar redes é notável no percurso da Mariana, mas foi aprendendo a fazê-lo de forma cada vez melhor: “depois de fazer tanta coisa em Lisboa e um bocado por todo o lado, apercebes-te que está sempre um bocado cada um para seu lado, com problemas com não sei quem (...). Recuando a 2021, nesse ano já tinha criado algumas bases para a criação de uma associação que forma e apoia redes, muito assente na mediação de conflitos, cujos pilares seriam “a solidariedade, o amor, o apoio às outras pessoas, mas também coisas mais com resistência (...)” que, com muita pena, não teve forma de levar avante.

Aparentemente, o Professor ainda não estava atualizado da total saída da Mariana do movimento onde trabalhavam juntos. A razão do seu convite foi no sentido de criar uma ligação entre o movimento e a Associação. Lembrando esse encontro, o foco da Mariana, como ela admite mais à frente na entrevista, era a mediação de conflitos e não a sua experiência no movimento europeu. O que lhe agradou nessa primeira visita ao Bairro da Amadora em que almoçamos no café dos pais do Gonçalo foi a informalidade com que nos apresentamos e os temas que abordamos, sendo um deles a violência em relação às mulheres – “acho que tu e eu ainda falamos um bocadinho sobre mulheres, violência em relação às mulheres... mais eu e tu. Nós falamos sobre isso, isso deu-me vontade de voltar lá.”. O interesse em trabalhar com mulheres e raparigas foi o que cativou a Mariana a voltar, mas foram a horizontalidade e o espaço para criar que a fizeram ficar. E foi em setembro de 2022 que demos início ao círculo de mulheres, que leva já 9 meses de encontros semanais.

Um dos objetivos dos membros da Associação é criar um impacto positivo nos jovens e na comunidade, mas este impacto é pensado a curto, médio e longo prazo; portanto, nem sempre é imediato ou visível. A Mariana atribui, por causa da sua experiência pessoal, uma grande importância à influência de diferentes pessoas além dos “educadores principais” no processo da formação da sua personalidade, de fazer e pensar, e embora o nosso papel não seja claro por termos muitas vezes de nos reinventar na postura que tomamos, não tem dúvidas que deixamos marcas em todos os momentos partilhados com as crianças e os jovens.

Em resposta à pergunta “o que gostavas que viesse a seguir?”, a Mariana falou na necessidade de criarmos uma ligação com a escola e outras instituições (por exemplo, de

saúde) que sirvam as pessoas do Bairro, para trabalharmos em rede em prol dos jovens e da comunidade. Idealmente, gostaria de criar uma creche alternativa ou uma “miniescola alternativa”, de modo a que houvesse um acompanhamento das crianças desde mais cedo, e educação não formal para mais velhos. Esta resposta levou a uma breve conversa sobre os limites da associação, em específico sobre as limitações individuais dos membros em termos de disponibilidade, sendo que todos trabalhamos e/ou estudamos; também da falta de especialização para este tipo de “extensão” da Associação, o que indica que este imaginário, ou traria, inevitavelmente, alterações estruturais na Associação, ou envolveria a criação de outra para um trabalho conjunto.

Para concluir, acredita que a confiança e a comunicação entre os membros da Associação são o elemento-chave para o impacto positivo que esta tenta ter na comunidade. Para a Mariana, a Associação, inicialmente desconhecida para ela, “(...) passou a ser uma parte da minha vida (...) já nem consigo pensar em viver longe daqui porque não poderia continuar a fazer alguma coisa aqui... não quero ficar longe. (...) É como família, é. Mas é família escolhida, desta vez. Pelo menos os adultos, as crianças não escolhemos, mas aceitamos todos.”.

O Raul

O Raul tem 42 anos, nasceu em Luanda e veio para Portugal com 11 anos. Vive, atualmente, na Amadora e nunca viveu fora da Linha de Sintra. É licenciado em História e Arqueologia e tem outras formações em arte, sendo ilustrador como profissão.

O Raul partilha algumas semelhanças com a Mariana no que toca ao *background* ativista e de associativismo, tanto que já tinham trabalhado juntos antes da sua vinda (separada) para a Associação. Partilham também lembranças da guerra (ela, do Kuwait; ele, da guerra civil em Angola) que contribuíram para um entendimento, diria, precoce do que se passa no mundo pelas situações que construíram as realidades das suas infâncias.

Epa, eu passei toda a minha infância num país supostamente socialista (risos) em guerra civil, opa... durante a guerra fria aquilo não... é impossível não teres logo uma visão do mundo já um bocado condicionada nesse sentido, já ‘tás a perceber, epá não percebes como é que o mundo funciona, mas ‘tás a sofrer diretamente qualquer coisa que está a ser decidida lá fora (...) – (Raul, entrevista realizada a 26 de abril de 2023)

A primeira lembrança de um feito político foi ainda em Angola, com 9 ou 10 anos de idade. Corria um boato que as crianças nos bairros de Luanda estavam, por iniciativa própria, a criar jardins na rua. Sem confirmação do boato, no seu bairro, os miúdos

reuniram-se “em plenário” e decidiram fazer o mesmo. Não havia adultos na tomada de decisão nem quando “cavaram os buracos”; mas houve alguns a contribuir com plantas que tinham em casa ou nos prédios. Sempre que os jardins apareciam estragados, as crianças voltavam a montar, até que o Estado decidiu intervir e proteger o que foi iniciado pelas crianças dos bairros de Luanda porque, no final de contas, o boato era verdade. E esta manifestação da vida política é o que, para o Raul, é a política que o cativa: “para mim, política é decidir coisas em conjunto... ou não, decidir sozinho o que vai afetar os outros também é política, mas não é a política que me interessa.”

Em Portugal, sendo “um gajo imigrante” que não é “propriamente branco” nem “propriamente rico”, a viver na linha de Sintra com manifestações fascistas pelas paredes da cidade que “devem deixar qualquer um enjoado e revoltado”, o Raul começou a acumular vivências que o iam despertando e construindo politicamente. A sua posição social, a solidariedade com Timor promovida nas escolas nos anos 90 e o problema da droga, também nos anos 90, foram três fatores que tiveram um lugar importante neste processo. Na altura, as escolas promoviam um projeto chamado “Área Escola”, que consistia na apresentação de um tema escolhido pelos alunos das turmas. Os temas escolhidos variavam entre poetas/escritores e determinada floresta. Nesse ano, o 12º ano escolheu fazer um projeto de sensibilização para o problema da droga, em que o Raul fez a sua quota parte na mobilização dos estudantes. Diz: “primeiro era: há droga. Isso é um problema porque vais ser assaltado ou vais levar com uma seringa infetada com sida. Esses terrores, que hoje em dia já não existem, antes os putos tinham medo. Estávamos a jogar futebol, tínhamos seringas no chão e era tudo ‘ahhh não toquem na seringa!’. E claro que a culpa da droga era dos drogados. (...) tu vias mesmo zombies, vias no comboio o pessoal a ressacar, vias na rua, vias o pessoal a assaltar (...) e também cheguei à conclusão, não me lembro porquê, de que a culpa não é deles... eles estão doentes.” Poucos anos depois, o consumo de droga em Portugal é descriminalizado.

O tempo que passou a estudar na faculdade foi afastado de qualquer ativismo pelo *stress* inerente à frequência no ensino superior, mas também por sentir que as pessoas de esquerda criavam um ambiente misógeno e performativo nos movimentos e nos círculos de convívio. O resultado: as conversas mais interessantes que tinha, confessa entre risos, eram com monárquicos.

O tempo que esteve afastado de ações políticas ou movimentos sociais foram fruto das circunstâncias. A crise de 2008 chega pouco depois e, desde aí, nunca mais parou. Diz

ter achado especialmente interessante as novas formas de organização que surgiram do “trauma coletivo que foi a crise de 2008”; muitas associações que conheço em Lisboa surgiram aquando da crise ou pouco depois. Criticou os beijinhos dados à polícia por manifestantes, meses antes da polícia bater em velhotes; da mesma forma que criticou (e critica) coletivos que sejam críticos da polícia apenas porque é polícia, sem um entendimento mais profundo da dinâmica de poder.

Uns anos mais tarde, juntou-se a um movimento europeu onde “nem toda a gente era de esquerda”, algo que eu desconhecia e achei interessante. Foi, também, onde conheceu a Mariana, e ambos eram as pessoas que estavam “sempre a puxar aquilo para a esquerda”. No movimento, interessava-lhe trabalhar o local e diz nunca ter tido muito interesse em tentar coisas globais ou debater com pessoal do outro lado do mundo porque “a luta tem de ser local com pessoas que tu conheces (...) por isso comecei a dar-me mais com pessoal de Lisboa e depois conheci pessoal daqui (Amadora) e isto para mim é a política que me completa.” Saiu quando o movimento estava em processo de se tornar um partido. Acrescenta ainda “A política dos grandes não tem interesse para mim, isso não é política, é gestão.”

O Raul conheceu a Associação em 2020. Como era da Amadora, respondeu a um pedido de ajuda para ir levar alimentos do Bairro da Amadora ao Bairro da Torre, foi acompanhando o trabalho da Associação através das redes sociais até que foi conhecer as pessoas da Associação e saiu de lá com a certeza da importância do que estava em construção; não era caridade, eram pessoas organizadas para a resolução de problemas da comunidade.

Ao longo da entrevista, o Raul referiu-se à Associação como “eles”. Achei curioso e perguntei porquê. A resposta: “apesar de eu achar que nós estamos todos a fazer uma espécie de apoio mútuo (...) a micro comunidade é deles (...) somos aliados, mas eles são eles, a Associação tem de ser mais deles, o Bairro é deles e eles é que têm de ser os principais decisores do que fazem no Bairro deles.” Diz ajudar a tomar decisões, mas que “a cena é principalmente deles”.

Além de ajudar a tomar decisões, é o “professor de desenho”, mesmo depois de dizer aos jovens, vezes e vezes, que professor não é. O desenho conta já com quase um ano e meio de encontros semanais. O objetivo com que se deu início às aulas de desenho

nunca foi muito claro, mas passava por ensinar algo novo às crianças e dar-lhes uma oportunidade de passarem menos tempo na rua ou em maus ambientes.

A cena de tirar da rua não é bem tirar da rua, é metê-los na rua, em todas as ruas, é diferente. É meter na rua gay, na rua green, na rua da luta disto e daquilo. É meter em todas as ruas. Ficar só naquela rua pode ser um desastre, a continuidade do desastre. Aquilo chama-se exclusão porque eles têm exclusividade àquele espaço. É isso, é exatamente o contrário, é meter em todas as ruas. – (Raul, entrevista realizada a 26 de abril de 2023)

Para ele, o importante é decidirmos em conjunto o nosso caminho, falhar em conjunto também, mas espera que falhemos cada vez melhor. Considera que para o futuro da Associação e da nossa missão, para o futuro dos jovens e da comunidade é importante criarmos relações com as instituições que servem - ou deviam servir - o Bairro, como a escola. Isto podia dar azo a que houvesse mais formas de ensino alternativo e atividades para mais pessoas, não necessariamente crianças e jovens; além do contacto com as estruturas que servem o Bairro, incentivar e criar forma de convivência com associações de naturezas diferentes - ativistas do clima, a comunidade LGBTQ+, coletivos feministas e de esquerda - levaria não só os jovens, como a nós, adultos membros da Associação, mas também as pessoas que estão organizadas noutras partes da cidade, a debruçar-se sobre outro tipo de problemas e a debater outros temas.

Em resposta à última pergunta, a Associação é, sem romantismos, “um grupo que se organizou para resolver problemas específicos”. Diz isto por não encontrar motivos para romantizar a vida dos bairros: é contra bairros sociais e ficou ainda mais depois do tempo que passa no Bairro da Amadora por ver neles um espaço de destruição. “É trabalho e vamos ver no que dá”.

A Sofia

A Sofia tem 21 anos e está matriculada no segundo ano da Licenciatura em Direito. Atualmente, vive entre a Amadora e Azeitão. Decidiu repetir o ano, o que lhe dá bastante tempo para cuidar da família e, claro, ir até ao Bairro quando as raparigas do círculo precisam de algo “fora de horas”, como tem acontecido. A família divide-se entre esquerda e direita partidária. Contou-me que, quando ainda era criança, perguntou à família por que razão uns tinham tanto e outros tão pouco, e por que razão não podíamos ser todos iguais. O irmão mais velho, escandalizado, acusou-a de ser comunista.

O pai trabalhou no Brasil e fazia questão de mostrar aos filhos que nem toda a gente tinha a sorte de viver como eles, levando-os mesmo a ter contacto com realidades diferentes da sua, através de amigos e ações de voluntariado. Ainda que na altura tenha

resultado em pouco – a idade não abonava a favor das tentativas do pai – a Sofia confirma que as idas ao Brasil e o contacto com uma sociedade diferente tiveram, mais tarde, um papel no pensar e agir, mesmo dizendo que ninguém precisa de ir ao Brasil para estar atento e saber que a pobreza e más condições existem.

Sobre política, diz encontrar algumas barreiras no contacto com outras pessoas, quer por desinteresse dos outros ou por achar que resvala, muitas vezes, para conversas de tom desagradável. Ganhou alguma resistência ao interesse político na faculdade, à semelhança do Raul e da Mariana, por considerar que muita gente usurpa a questão política por motivos pessoais e de carreira. Partilha comigo uma certa tristeza por não ter aproveitado a Associação de Estudantes do liceu onde andámos para fazer algo com significado.

A vinda para a Associação veio na sequência de um ano de introspeção, muito devido a questões pessoais. Já acompanhava o trabalho pelo Instagram há algum tempo e, depois de algumas conversas e demonstrações de interesse, convidei-a a aparecer no Bairro da Amadora, no início de 2023. A integração foi rápida, muito provavelmente pelas boas intenções e jeito natural com os mais novos, mas foi também a primeira chegada de alguém novo acautelada pelos que já cá estavam, que estavam a assistir, ainda no momento, a alguns conflitos internos e saídas de ex-membros. Foi a última a chegar, mas destaca a capacidade da Associação de fazer coisas que podiam, muitas vezes, ficar só como esquecidas: “só o tempo que cá estou, que não é assim tanto, já passou duma ideia, ou de começar a trabalhar na ideia, para uma cena que está a acontecer e está a ter efeito”, relativamente à implementação de reuniões mensais e a recolha dos donativos. No tempo que “cá está”, fez também força e mostrou disponibilidade para assegurar o apoio ao estudo dos nossos jovens, que terá (re)início no verão de 2023 e acompanhará o ano letivo.

Eu

Ana, 23 anos. Nasci e vivo na Amadora, onde estudei até ingressar no ensino superior. Sou licenciada em Planeamento e Gestão do Território pelo Instituto de Geografia e Ordenamento do Território e estou a terminar o último ano do mestrado em Estudos Urbanos, no ISCTE-IUL e NOVA FCSH.

Até à entrada na faculdade, o meu interesse político era fundamentalmente ligado a questões identitárias como o género e orientação sexual, daí ter começado a simpatizar com o Bloco de Esquerda no 12º ano. Quando entrei na faculdade, li O Manifesto

Comunista e foi o início da construção do meu “eu político”, algo que me entristece um pouco por ter deixado passar a oportunidade de ter feito algo importante na Escola Secundária da Amadora, onde fiz parte da direção da Associação de Estudantes. A minha simpatia com o Bloco levou-me a acompanhar e a mobilizar-me junto da Brigada Estudantil para algumas ações antifascistas, antirracistas e contra a propina. Na verdade, sempre estive perto da política, mas não entendia grande coisa. Ia com o meu pai, que é dirigente sindical, a algumas manifestações, mas não percebia. A minha primeira foi no Porto, com 15 anos, fui à Marcha de Orgulho LGBTQ+ onde falaram do caso da Gisberta: foi a primeira de muitas vezes que ouvi o seu nome e vi a cara dela; continuamos a relembra-la nas manifestações pela Eliminação da Violência Contra a Mulher, no Dia da Mulher, no Pride. Na altura não percebia como agora, mas comecei a sentir que havia pessoas mais vulneráveis que outras.

Voltando à Brigada Estudantil, não demorou muito. Nem a minha ida para a Juventude Comunista Portuguesa, quando me tornei adepta do centralismo democrático. Na verdade, nenhuma das minhas experiências políticas foi duradoura. Passando para outra, quando entrei no mestrado, portanto, 2021, recebi uma mensagem de duas amigas minhas meio “secretista”. Fomos beber uma cerveja à Faculdade de Direito e foi “olha, estivemos a falar e vamos criar o Coletivo Feminista do ISCTE e tu estás connosco, o que achas?”. A Ema era do Coletivo Feminista de Letras, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, veio estudar para o ISCTE. A “Bia Anarca” já estava no 2º ano de mestrado, também no ISCTE. Aceitei e, juntamente com a Sara e a Maria, criamos o “comitê central” do coletivo. Foi breve, infelizmente. Ainda conseguimos mobilizar feministas no ISCTE para ações em Lisboa, uma ou outra reunião, um círculo, mas, eventualmente, acabou por... morrer.

Nesse mesmo ano conheci a Associação Roots, através de outra amiga, a Rita. A Rita levou-me lá porque tinha intenções de dar início a aulas de pintura no Bairro da Amadora e penso que, nesse verão, fizemos também uma doação de material escolar. Nesse primeiro encontro, trocamos umas ideias apenas. A Rita chegou a dar as primeiras aulas de pintura – agora aulas de desenho asseguradas pelo Raul – mas emigrou, o que, inevitavelmente, fez com que se afastasse das atividades.

Portanto, a Rita emigrou, mas eu acabei por ficar. A ideia que tenho é que não foi algo consciente, eu não tinha intenções de ficar, fui ficando e acho que este é um sentimento partilhado por alguns dos elementos da Associação. A Associação também

não é o que era, agora envolve mais disponibilidade e mais idas ao Bairro. Fui ficando até se tornar em algo em que acredito. Acredito muito no trabalho que fazemos, nesta espécie de apoio mútuo. Espero conseguir continuar a criar com os meus colegas, acompanhar os jovens e a melhorar a forma como vão correndo os círculos de mulheres, que tentamos que seja um espaço seguro de partilha onde podemos dar-lhes ferramentas para serem mulheres mais livre e mais seguras.

O nosso trabalho não se resume ao tempo que passamos lá. Envolve preparação prévia das atividades, e comunicação entre nós, adultos. E o estar lá envolve também um trabalho muito atento da nossa parte, estarmos atentos a reações que podem ser indícios de um problema, às entrelinhas, às relações; lidamos com traumas, *stress* e dinâmicas familiares dos jovens, mas também com os nossos, uma vez que os círculos ganham uma forma intensa e íntima muitas vezes, não apenas informativa ou à base da partilha de conhecimento.

Este trabalho de continuidade tem de ser também entendido no espaço, não só no tempo, e por isso considero, à semelhança dos meus colegas, também muito importante criarmos base para que haja uma comunicação, quando necessário, com a escola. Nós acabamos também por fazer um trabalho de diagnóstico, conseguimos perceber o que se passa na escola e em casa das crianças pelas relações de confiança e proximidade que criamos com elas; um exemplo prático do que estou a tentar dizer: no outro dia fomos à escola básica que a maior parte dos jovens frequentam. Uma das raparigas teve uma reação um tanto explosiva com uma das auxiliares, que eu percecionei como não sendo uma reação “típica” dela, e apressei-me a dizer que ela não devia falar assim com as pessoas. Não achei justificável, não vi nada que pudesse ser um gatilho. A Mariana, que estava comigo e teve uma abordagem tão mais sensível e sensata, perguntou à rapariga o que se passou, por que razão reagiu assim, ao que ela nos diz “a auxiliar é racista”. O nosso trabalho passa muito por isto, por ir mais fundo e perceber melhor as pessoas que eles e elas são.

Além da escola, é compreender como estão no espaço público e de socialidade, até às casas onde vivem. Não sabemos bem como nem quando vão chegar novas estratégias, ou até se vamos conseguir servir todas as pessoas quanto gostávamos, mas é também muito importante estender o que fazemos aos adultos do Bairro, além do provisionamento ou de ajudas pontuais que nos pedem. Na Associação, mostramos todos abertura para que a comunidade venha ter connosco à procura de soluções ou ajuda, mas

o nosso foco continua a ser os jovens e as crianças. Não acho que tenha de ser de outra forma por limitações que nos ultrapassam, mas vamos sempre ouvir.

E além dos espaços no Bairro da Amadora, os espaços e as pessoas de outros lados da cidade, de outros bairros periféricos, mas também de Lisboa. Podemos ajudá-los, isto é, às crianças e aos jovens, e acho que já estamos, a construir os seus “eu” políticos. Nós incentivamo-los a pensar e pensamos com eles sobre situações que constroem os dia-a-dia de qualquer mulher, como o machismo; o dia-a-dia de qualquer jovem do bairro, como a exclusão; e há muitas pessoas, organizadas ou não, que têm interesse em criar redes que servirão todos os abrangidos.

Também por isto que acabei de descrever, que é o aprofundar das relações de proximidade e confiança, a missão da Associação, a meu ver, foi alterada. Não no seu objetivo, que sempre foi apoiar a comunidade, mas no modo de operar. Estamos todos mais envolvidos agora e soubemos adaptar a forma como criamos estratégias, como mantemos a comunicação entre todos. A missão, se calhar, tornou-se mais complexa porque a realidade é complexa e o nosso contacto com a realidade é cada vez mais próximo e regular; portanto, a responsabilidade individual dos membros e coletiva da Associação também ganhou contornos mais sérios, e isto veio com as atividades que escolhemos fazer para os jovens.

Para responder à última pergunta, que também coloquei a mim própria, a Associação, para mim, são as relações: as relações que criei e vou criar, as ligações que já estabelecemos com determinadas pessoas, espaços ou grupos. As relações com os membros que tive tanto prazer ao “entrevistar”, com os miúdos que fizeram desenhos a dar-me os parabéns, mas também já me puseram a chorar numa semana complicada. Para o meu “eu político”, é a forma como acho que devíamos viver, se retirarmos o fator necessidade da equação, porque a Associação nasceu duma necessidade de colmatar falhas do sistema - pelo menos tentar. É pensar “okay, o que é que se passa aqui? Falta isto?” e arranjar forma de resolver, em conjunto. Para mim, é isto: as relações e o apoio mútuo.

Através das redes sociais - O Diogo, A Beatriz e o André

O Diogo

O Diogo tem 23 anos e vive no Casal de Cambra, onde nasceu. Não fazendo parte do município da Amadora, é perto o suficiente para parecer que sim. Viveu no Reino

Unido durante 5 anos, até 2022, onde estudou Multimédia. Em 2020, assistiu à onda de protestos antirracistas contra a violência policial que, tendo início nos EUA após a sequência de mortes de Ahmaud Arbery, Breonna Taylor e George Floyd, tomaram uma escala global. Começou a ler sobre o assunto e a ter interesse em volta de certos fenómenos sociais. Eventualmente entrou em contacto com o Rui através do Twitter, que o convidou a vir ao Bairro da Amadora, onde conheceu o Gonçalo, pessoas que ele considera estarem “na mesma página”. Quando voltou do Reino Unido, em 2022, a prioridade era entrar na Associação cujo trabalho é, para ele, a materialização das obras que lê, quer no sentido de entender o mundo e as suas contradições, quer de melhorá-lo.

O Diogo, ao longo da entrevista, reforça a estratégia assente em questões ideológicas da Associação, que considera seguir o caminho mais difícil: o trabalho feito à parte das instituições assente em ações voluntárias de pessoas interessadas é uma forma de auto-validação, em contraposição à forma habitual de validação do sistema quando grupos e associações decidem recorrer ao apoio (muitas vezes financeiro) e autorização de empresas e instituições – “são as pessoas que fazem esse tipo de mudança, o sistema não vai cometer suicídio de um dia para o outro” – e é esta ideologia e a mensagem que tentamos passar que nos diferencia do voluntariado como o conhecemos.

O que incentiva o Diogo a continuar o trabalho no Bairro da Amadora são todas as pequenas vitórias que vamos acompanhando no tempo que lá passamos, por exemplo, quando “os miúdos estão a falar e não a lutar”, mesmo que estes passos à frente sejam, muitas vezes, acompanhados por muitos passos atrás, pois o caminho que fazemos com os jovens nem sempre – na verdade, quase nunca – é linear. Tem em mente, no futuro, que os nossos jovens continuem o trabalho que o grupo iniciou e diz sentir-se em casa quando pensa que a comunidade é a extensão da família, ou que a família começa na comunidade, que nos faz crescer pessoalmente porque “é uma associação..., mas se olharmos para outras associações, isto é algo mais íntimo. Acho que estamos a criar a nossa norma, no fundo”.

A Beatriz

A Beatriz tem 28 anos, nasceu em Évora, mas viveu no Ribatejo até vir para a Lisboa, com 21 anos. Poucos anos depois, mudou-se para a Amadora. Fez a sua formação em Turismo ainda no Ribatejo e trabalha no ramo da restauração, em Lisboa.

Em conversa, a Beatriz tenta lembrar-se das opiniões políticas que teria há 5 ou 6 anos atrás, que muito influenciadas pela família, chama-lhe “lenga-lenga liberal” assente na ideia de meritocracia. Partilha com alguns membros do grupo a causalidade, ou não, de ter mudado a sua visão política aquando da entrada da Associação, que foi fomentada ao longo do tempo com as pessoas que foram entrando, leituras e o próprio trabalho no Bairro da Amadora.

A entrada da Beatriz foi contrária às dos outros elementos. Ela própria sentiu que queria ajudar e fazer algo, então perguntou a uma amiga se lhe podia indicar associações na Amadora cujo trabalho fosse digno de indicação, neste sentido. Foi-lhe indicada a Associação Roots e fez a primeira doação diretamente no Bairro da Amadora. Quando saiu, ofereceu-se prontamente a ajudar no que fosse preciso. O contexto pandemia foi importante para ela porque, uma vez em lay-off, tinha disponibilidade total para “passar os dias no Bairro”.

A Beatriz destaca a informalidade da ação da Associação e a união que vamos criando entre nós. Ao longo das entrevistas, fui encontrando pistas do que pode vir a ser um debate interno sobre o futuro da Associação, com pontos a favor e contra a manutenção do estatuto legal e, por outro lado, a passagem à informalidade total.

Fazendo um balanço do progresso até agora, realça: o aumento do número de atividades, do número de pessoas a quem conseguimos entregar alimentos e a maior frequência; o número de crianças e jovens que estão em todas as atividades. Resumindo, a Roots conseguiu, até agora, manter a consistência do trabalho, fazendo as adaptações necessárias, tendo também mais trabalho.

O André

O André tem 20 anos, mora no Bairro da Amadora e sempre viveu na Amadora. Tenciona seguir Estudos Africanos, no ensino superior. De momento acumula dois part-times e o trabalho na Associação.

O André está na Associação desde os 18 anos, altura em que diz ter começado a ganhar interesse em discutir e perceber certos assuntos, motivado por uma disciplina em concreto no ensino secundário, chamada Integração, enquanto estudava Eletrónica e Telecomunicações. Alguns dos temas que despertaram interesse nele foram o consentimento, política e dificuldades financeiras; confessa ter ficado algo incomodado com algumas respostas que ouvia dos colegas, por exemplo, sobre o tema da violência

policial, de onde surgiram discursos normalizadores do que é “educar uma pessoa à porrada”. A Associação também serviu, como para outros elementos, de combustível não só para a ação, mas para a discussão.

A chegada do André à Associação teve a sua peculiaridade. Embora ele viva no Bairro da Amadora, o primeiro contacto com o Gonçalo foi para assinar uma petição e só quando se encontraram na estação da Amadora para esse efeito, descobriram que eram os dois do mesmo bairro; então, o Gonçalo convidou-o a aparecer no espaço e nas atividades.

O André tem a destacar a proatividade da Associação, que é também o que o faz ficar e fazer: “eu sempre vi a Associação como ativa, é fazer as coisas. Acho que tem essa diferença do resto, há muitas vezes que ficamos à espera de ajuda e Associação sempre teve a iniciativa de procurar soluções, incluindo as pessoas do bairro, acho que isso é o mais importante (...)”. Diz ter acompanhado um progresso enorme desde que chegou e realça que o nosso compromisso é com a comunidade, e há a obrigação de “continuar de cabeça erguida”, por mais obstáculos que venham a surgir.

Uma das barreiras a ultrapassar, diz à semelhança de outros membros do grupo, é a integração de pessoas mais velhas do Bairro na Associação, não só no processo participativo, mas de decisão. Ainda na linha de ligar e integrar pessoas, diz que vê no desporto uma possível forma de unir bairros e comunidades e relembra os tempos em que era mais novo, que ia com amigos do bairro jogar à bola a outro bairro, coisa que já não acontece com as crianças do Bairro com quem lidamos.

Onde? Porquê? Como?

Onde: O espaço (físico) de criar.

Como foi referido anteriormente, em 1992, o Nhaco construiu o café na Encosta Nascente e em 2017, quando realojados, foi-lhes atribuído um espaço no Bairro da Amadora, propriedade da Câmara Municipal da Amadora. O espaço da Associação acompanha, desde a sua criação, o café do Nhaco e da D. Maria; isto porque a Associação não tem, nem nunca teve, espaço próprio. Entre 2019 e 2020, a Associação trabalhou em rede com duas outras associações e, portanto, o espaço utilizado era outro, também no Bairro da Amadora, mas a lógica não era de espaço da Associação, mas sim um espaço partilhado entre as três associações, onde o próprio trabalho era também dos três grupos.

Com a reabertura do café no pós-covid, a Associação assume o espaço atual. Gonçalo diz que, no início, o espaço era ainda menos o espaço dedicado às atividades da Associação; era simplesmente um sítio onde arrumava o material das limpezas e armazenava os alimentos recolhidos, numa altura em que a sua função principal era servir de anexo do café usado para eventos festivos e espaço de dança. A forma como o espaço foi sendo aproveitado foi, gradualmente, beneficiando o usufruto da Associação, um pouco em detrimento do café. Mesmo que ainda coexistam estas formas de utilização do mesmo espaço, agora já podemos chamar àquele espaço o espaço da Associação.

Numa tentativa de ajudar a criar uma ideia do café, do espaço da Associação Roots, do ambiente dentro e nas suas imediações, vou proceder a uma breve descrição destes elementos. Esta descrição é, claro, circunscrita à minha observação, tendo em conta que, embora já tenha uma presença regular no Bairro da Amadora há cerca de um ano e meio, as horas e os dias que é costume ir ao café são, normalmente, os mesmos; por exemplo, segundas-feiras das 16 horas às 20 horas; terças-feiras das 18:30 horas até às horas que decidirmos ficar a trocar ideias: domingos das 11 horas da manhã até à hora em que acaba o jogo de futebol, no campo.

O caminho habitual é descer as escadas onde costumam estar rapazes e homens a jogar, beber, fumar ou apanhar sol enquanto ouvem música, imediatamente ao lado e à frente do café. Na praceta, costumam estar crianças a jogar à bola ou a brincar, pais sentados nos bancos de pedra que acompanham as arcadas com cafés, e pessoas em convívio à porta dos prédios. Ao entrar no café, que é agora um ambiente confortável e familiar - e se calhar por esses mesmos motivos, pode ser, para quem é de fora e em

primeiros encontros, um espaço de algum desconforto simplesmente por se ser uma figura estranha a observar -, é especialmente agradável para quem é do Benfica que: mal entre, encontra um quadro do estádio com uma águia, alguns autocolantes de claques do clube e uma figura grafitada do Cosme Damião⁵.

O balcão onde vemos o Nhaco é alto o suficiente para que as crianças mais novas não o consigam ver ou fazer os seus pedidos. Atrás dele, vemos uma televisão onde normalmente passam jogos de futebol ou se assiste ao noticiário. Por cima, como não podia deixar de ser, um cachecol do Clube Futebol Estrela da Amadora, oferecido pelo clube. Ao lado esquerdo do balcão, fica a cozinha onde a D. Maria costuma estar. Os bancos são corridos e as mesas são feitas de madeira cujo tom condiz com as paredes do café.

Logo à entrada, temos uma passagem por portas de *saloon* para o espaço da Associação, cuja dimensão é ligeiramente menor à do café. Ali encontra-se todo o material necessário aos atuais projetos da Associação: os alimentos e os donativos para a sua compra e distribuição, bem como o material utilizado para as limpezas do bairro, estão arrumados atrás de um balcão. Por cima desse balcão, que está à entrada do espaço, estão montadas colunas de onde saem sonoridades africanas: afrohouse, quando é o Gonçalo a escolher as músicas; semba, funaná ou kizomba quando é o Nhaco, que se apressa a desligar quando está perto da hora de dar início às atividades.

Para os círculos, juntam-se 2 ou 3 mesas junto dos sofás, nas aulas de desenho, separam-se as mesas para que as crianças fiquem em grupos pequenos. Para estas atividades estão destinadas umas gavetas coloridas num móvel onde se encontram folhas, jogos, lápis e outros materiais de desenho.

Um dos espaços mais relevantes e apreciados no espaço é a pequena-grande biblioteca que reúne autores como Angela Davis, Karl Marx, Frantz Fanon, Guy Debord, Achille Mbembe, Shoshana Zuboff, entre outros. Muitos dos livros são do Gonçalo, alguns são meus e de outros elementos da Associação, outros são dados, mas todos estão ali para ser partilhados entre amigos, colegas e interessados. Esta biblioteca vai crescendo assente em quatro estantes pregadas à parede, por cima de uns sofás vermelhos ao longo de uma parede da sala e dá-nos pistas sobre a identidade política que sustenta a missão da

⁵ Um dos fundadores do Sport Lisboa e Benfica.

Associação, que acabou por unir pessoas de sítios e contextos diferentes no mesmo sítio, com o mesmo propósito.

A ideologia ganha forma artística fora dos limites do espaço da Associação, estando presente um pouco por vários sítios do Bairro da Amadora. A Associação Roots fez alguns pedidos de trabalhos de arte urbana, oferecidos pelos artistas e alguns até com a participação dos jovens do Bairro. À entrada do café encontramos os rostos de Thomas Sankara, revolucionário marxista e líder político do Burkina-Faso, e Amílcar Cabral, político e teórico marxista da Guiné-Bissau. Tanto Sankara como Cabral são símbolos de resistência, de preservação da identidade e luta contra a opressão. No fim da praça e pelo menos por enquanto, até às intervenções na habitação que estão a decorrer neste momento o preservarem, está o rosto de Frantz Fanon. Uma rua acima, um verso da música “King Kunta” do Kendrick Lamar – “everybody wanna cut the legs off him, Kunta” acompanha uma figura representativa de Kunta Kinte.

De volta ao espaço e para finalizar a descrição: a casa de banho das mulheres é no anexo, ao passo que a casa de banho dos homens é no café e, por este motivo, é comum haver circulação de pessoas no decorrer das atividades, excetuando nas aulas de desenho, dia de folga no café Encosta Nascente. Na semana anterior à escrita deste subcapítulo, inclusive, o círculo com as raparigas mais novas foi interrompido pela mãe de uns rapazes que, no meio de outras coisas, nos disse que devíamos fazer força para ter espaço próprio, que ela queria recolher assinaturas junto da comunidade para termos o nosso espaço porque “ajudamos muita gente e merecemos”. Isto abre a discussão sobre o que eu, pessoalmente, considero ser fundamental ao funcionamento da Associação como a conhecemos: o nosso espaço ser parte do café.

Por um lado, temos os fatores menos positivos que se prendem com alguma falta de privacidade, dificuldade de concentração com circulação de pessoas e barulho vindo do café e interrupções. Por outro lado, e a meu ver o lado positivo sobrepõe-se aos entraves, temos a abertura do espaço aos jovens de manhã à noite, mesmo quando nenhum dos adultos está presente. O que, claro está, não impede de ser aberto nos dias em que o café está fechado. Isto é importante ter em conta, mais uma vez, dada a disponibilidade mais ou menos limitada de cada um dos membros da Associação. Mas não só para os mais novos: os mais velhos podem deslocar-se ao café e pedir alimentos no horário do café, que é bastante mais extenso do que seria caso a Associação Roots ocupasse espaço próprio, pelos mesmos motivos. Ainda, - e, provavelmente, apresenta-se como sendo o

fator mais importante – há a ter em conta contacto com a vida social da comunidade do Bairro: é lá que conhecemos as pessoas, os pais, irmãos e amigos dos jovens com quem já lidamos e é lá que conseguimos estabelecer as nossas relações de confiança e proximidade, por intermédio do Gonçalo, mas também do café.

Pode também ser visto como agente de controlo social, para o caso, positivo, e muitas vezes através do Gonçalo e dos pais. É lá que o Gonçalo tem acesso a informação pertinente sobre as raparigas e os rapazes, sobre a escola, o comportamento em casa e dirigido a familiares em forma de desabafo dos pais, mas não só. É também no café que notamos diferenças no humor, comportamento ou aparência mesmo quando não nos são dadas pistas orais sobre determinada situação. Isto é possível, claro, pela regularidade e tempo que temos de convívio e atividades, que determinam a nossa capacidade de observar *melhor*. Observar e ouvir *melhor* e mais atentamente é uma ferramenta muito importante para o trabalho que desenvolvemos.

Ora, quero com isto dizer que o espaço da Associação - e muito se deve por ser uma extensão de um espaço de socialização do Bairro da Amadora - está aberto e tenta servir quem precise, como é prova a nossa vontade de adaptar os nossos esforços para os pedidos que nos são direcionados ou vão surgindo junto da Associação.

Porquê: a mudança não se pede, cria-se.

Desde a sua criação que o objetivo da Associação é apoiar a comunidade. Muito antes de me juntar a esta luta, já estavam reunidas muitas horas de trabalho, um caminho traçado, ideias postas em práticas e pessoas apoiadas.

Se me fosse pedido que resumisse, em poucas palavras, a missão da Associação, seria imediata a minha resposta: “a mudança não se pede, cria-se”. Esta frase está escrita num quadro de giz de pequena dimensão no nosso espaço; carrega um peso enorme e abre a discussão sobre o que é o poder e o não-poder.

Eduardo Colombo (2016), no seu escrito *O Problema do Poder: Entre a Psicologia Social e o Anarquismo*, argumenta que a alteração das relações habituais entre sociedade e chefia se deve à capacidade do Estado moderno, nos anos da sua construção entre o século XIV e XV, de transferir para si os vínculos primários como a lealdade ao grupo e à comunidade local de um indivíduo, passando a servir então uma “autoridade suprema e abstrata” cuja ação é lei e tem à sua disposição instrumentos de sanção e

proibição. Contudo, diz ainda que o poder não se estingue na lógica de dominação dos outros – é também a capacidade de fazer⁶.

Mas as relações de poder estão por todo o lado e, se utilizarmos o Método dos Cenários (Godet, 1993), especificamente o instrumento Estratégia de Atores, com os objetivos de identificar e caracterizar os diferentes atores a operar no Bairro, perceber conflitos e alianças possíveis entre eles e avaliar as relações de força existentes (Caldas e Perestelo, 1998), com ênfase no último ponto, é claro que o poder da Associação é relativo quando comparado com o poder local que, não indo mais longe, tem poder sobre o espaço que ela utiliza.

A relação entre os moradores do Bairro e a Câmara é, desde o tempo em que viviam nos bairros de autoconstrução de origem, por vezes hostil; mas continua a ser também refém das relações de poder; isto é, é na Câmara que veem uma potencial resposta aos seus problemas⁷, mesmo quando as soluções não surgem e mesmo quando a relação continua a ser instigada no sentido da hostilidade, nomeadamente através de várias ações de despejo. A relação entre a Associação e a Câmara é praticamente inexistente, mas claro sentida da mesma forma. É pacífica porque uma das estratégias, mais ou menos conscientes, da Associação tem sido contornar eventuais conflitos diretos a travar com o poder local, quer por necessidade de proteger o trabalho, quer por ultrapassar a linha de ação que definimos ser a nossa.

Olhando o trabalho da Associação, ressalvo o ponto principal na discussão: a missão é orientada para colmatar falhas do Estado – higiene urbana, provisionamento, educação – através da ação prática, o fazer, onde reside o nosso poder. Um dos objetivos é, precisamente, ser uma influência nas pessoas do Bairro, na crianças e jovens com quem lida, noutros locais, grupos e comunidades a organizarem-se entre si em processos de decisão e participativos.

Para um melhor entendimento da forma de operar da Associação, vou passar à enumeração de todas as atividades e projetos que estão já implementados, descrição

⁶ “Mas o poder é refratário à análise, apresenta-se como um fato massivo, as relações de poder estão por toda parte. Astutamente, quando queremos agarrá-lo, ele desliza entre dois polos conceituais: a capacidade de fazer e a dominação dos outros.” (Colombo, 2016).

⁷ Enquanto produto do PER, o Bairro, sendo um bairro de habitação social, aufere à Câmara Municipal da Amadora autoridade na decisão e atribuição de casas, bem como o dever de solucionar problemas relacionados com o edificado e à habitação.

aprofundada de algumas e apresentação também do que está a ser feito, numa lógica de complementaridade entre membros e ações.

Como: um mês nas atividades da Associação

As limpezas

A limpeza no bairro foi, a par do provisionamento, das primeiras estratégias a ser implementada pela Associação, logo em 2019, como resposta a um problema na ordem da manutenção do ambiente do Bairro e espaço público. Já foram várias as pessoas que, enquanto se realizavam as limpezas, disseram que “antes do Gonçalo o bairro estava sempre sujo”, agradecendo. Ele próprio relembra os tempos em que via crianças a brincar nas ruas cheias de lixo. O motivo que criou a necessidade, confirmado por um trabalhador do departamento de higiene urbana da Câmara, é que a equipa destacada para a área do Bairro simplesmente não atua naquela área.

Esta atividade por si só serve mais do que aparenta – é também um incentivo à entreajuda e ao trabalho coletivo; à responsabilidade e ao cuidado pelo espaço que partilham; e potencia o convívio entre mais novos e mais velhos, aliado ao respeito pelo ambiente. É também uma atividade complementar aos círculos, na medida em que são observados comportamentos, ao estado de relações e nos chegamos algumas novidades do que perdemos durante a semana. Um exemplo prático: se notarmos um conflito entre os jovens num dia de limpeza, é possível atuar sobre o ocorrido nos círculos, se não for conveniente fazê-lo no momento. O próprio ambiente mais leve das limpezas leva a que eles se sintam menos condicionados por ser ao ar livre, por estarem em maior número, e pela forma como os próprios adultos estão. Significa que são mais genuínos na forma de estar, agir, falar e isso merece a nossa atenção.

Mas a mudança cria-se, não se pede; portanto, fim de semana sim, fim de semana não, pelas 11h da manhã, juntam-se adultos e jovens organizados em grupos com a missão de deixar o bairro mais limpo para as duas semanas seguintes. Entre esperar que algumas pessoas cheguem, pedir a algumas crianças que vão buscar outras, calçar luvas e organizar grupos, é normal que se inicie, por vezes, pelas 11 horas e 30 minutos. O percurso é sempre iniciado na praça da Associação, para cima, até a um pátio que chamam de zero, depois para a direita até ao campo de futebol, inclusive, rondando as duas horas de trabalho. A meio fazemos uma pausa para descanso e beber água, no fim almoçamos e jogamos à bola.

Normalmente, o grupo que marca presença nesta atividade é constituído por 15 jovens (nem sempre os mesmos), podendo chegar aos 20 e poucos, o que facilita imenso o trabalho e diminui o tempo da atividade, em comparação com a realidade de há uns anos relatada pelo Gonçalo, onde se encontravam, por exemplo, 3 adultos e 5 jovens.

A atividade consiste, propriamente, na substituição dos sacos do lixo nos caixotes de madeira montados pelo Bairro e a recolha do lixo nas ruas, praças e espaços verdes, mas dá lugar a muitas horas de convívio que transformam os domingos em dias bonitos.

Provisionamento

Este projeto mudou de formato recentemente, no início de 2023. Desde 2019 até então, a entrega de alimentos era em formato de cabazes e era esporádica, mesmo que intentasse acompanhar as necessidades das pessoas, como por exemplo, durante a crise do COVID-19, em que a entrega se tornou mais regular por ser mais urgente. Nessa altura, a Associação não atuava de forma independente, trabalhando em rede com outros dois grupos, o que fez com que a área abrangida pelo apoio de todos se ampliasse além Bairro.

O primeiro passo foi construir uma base de dados através do método porta a porta, sinalizando famílias em estado de privação. Os cabazes continham alimentos não perecíveis – atum em lata, feijão, massa, arroz, etc. – e eram entregues consoante a necessidade dos agregados familiares. Este método manteve-se ao longo de quase toda a vida útil da Associação.

Durante o ano de 2022, os pedidos de ajuda foram crescendo e chegamos à conclusão que, ao invés de cabazes entregues ocasionalmente, faria mais sentido manter um *stock* de alimentos disponíveis no espaço da Associação para que as famílias fossem buscar quando necessitassem. Decorrente desta nova lógica de atuação, surge também uma necessidade para a Associação - garantir que existe uma fonte de rendimento constante e regular.

Este projeto arrancou com amigos e família dos elementos da Associação, e também com pessoas que seguiam o trabalho através das redes sociais, onde lhes foi pedido que fizessem donativos mensais em dinheiro para garantir o stock de alimentos. Percebeu-se rapidamente que a sustentabilidade do provisionamento nesta nova lógica está assegurada. Pode até assumir-se que a sustentabilidade global dos projetos e atividades da Associação está assegurada, uma vez que as doações que recebemos se têm mantido estáveis e garantem também, por exemplo, material para a limpeza, visitas a

museus e outros passeios, almoços e lanches para os jovens, tendo em conta a frequência com que são realizados.

Todos os meses seguimos o ciclo: compra de alimentos consoante os preços do mercado. Afortunadamente, foram encontrados um pequeno negócio local e um armazém cujos preços são mais apelativos, havendo pouca necessidade de fazer compras em grandes superfícies. Feitas as compras, são organizadas em prateleiras e dentro do balcão⁸ e chegam a servir os moradores do Bairro durante um mês, em média. Uma vez por semana pais, crianças, avós e irmãos chegam ao espaço com um saco reutilizável para levar comida para casa. Enquanto isto, mais ou menos a partir do dia 20 de cada mês, cada um reúne os donativos até dia 6 do mês seguinte e reúne-se o total de donativos numa caixa guardada no café.

Aulas de desenho

As aulas de desenho têm lugar às terças-feiras entre as 18 horas e 30 minutos e as 20 horas, e tiveram início no princípio de 2022, e, da seguinte forma:

Inicialmente... o objetivo daquilo era... nunca foi muito claro, mas era mais ensinar os miúdos a desenhar para eles aprenderem uma coisa nova e para eles não estarem tanto tempo na rua e em ambientes maus, mas também não era um ATL isso foi sempre muito discutido entre nós, se te lembras. Não, isto não são atividades para tempos livres, nós estamos aqui a tentar desenvolver qualquer coisa para além de ser um sítio onde os pais deixam os miúdos, até porque é voluntário e os miúdos, eu tou sempre a dizer; ‘você saem quando quiserem e regressam quando quiserem’ (...) – (Entrevista ao Raul, 26 de abril de 2023)

... mas são muito mais que isso. Aliás, o próprio conceito de “aulas” é desvirtuado ou, consoante o ponto de vista, reconfigurado por não serem aulas como estamos habituados a reconhecê-las. Isto porque os alunos que não são alunos e não precisam de pedir ao professor que não é professor para ir à casa de banho; têm acesso livre ao telemóvel, sentam-se onde quiserem e podem chegar e sair às horas que quiserem e puderem. Ainda assim, o Raul é aclamado como professor por alguns e eu também, por engano, pelas crianças que não me veem com tanta regularidade.

O Raul tem humildemente feito o trabalho de gerir expectativas relativamente ao interesse e esforço dos seus não-alunos, das suas competências e tem sempre cuidado a adaptar as tarefas que sugere, nunca impõe aos jovens, tendo esses dois fatores em consideração. Portanto, o próprio formato das aulas e das atividades propostas são mais livres para os jovens precisamente pelos objetivos que são individualmente entendidos

⁸ Ver subcapítulo “Espaço da Associação”.

pelo Raul, o que quer dizer que na prática, na mesma aula, na mesma sala, estão a decorrer aulas diferentes, e o Raul deambula entre grupos onde presta apoio personalizado.

O formato das aulas pode ser entendido como disruptivo quando em comparação ao sistema de ensino, quer por bases ideológicas, modelo e interesse em criar desta forma, mas o conteúdo é complementar ao programa escolar que lhes é oferecido. A vontade expressa de estar ali por parte das crianças e dos jovens levou a que o Raul tivesse também vontade de, em retorno, tornar as coisas mais interessantes, fazendo com que eles desenhassem sobre qualquer coisa e eventualmente surgiu a ideia de serem também aulas de cultura geral.

A maioria dos jovens com quem trabalhamos é afrodescendente, a maior parte de origem Cabo Verdiana e Angolana, e foram sempre feitas tentativas para que os jovens tivessem contacto com a cultura de origem, dos pais, avós, bisavós ...

Eles são todos portugueses e muitos são mestiços, pais brancos e pais negros. Essa parte portuguesa está assegurada pela escola, pelo menos. A ideia foi ok vamos falar da parte que não está a ser coberta e não há problema nenhum nisso. As escolas vão dar coisas sobre África? Não vou pedir isso, pá, não há tempo para isso sequer, não há tempo para história de Portugal... cabe-nos a nós. Fui dando umas cenas gerais sobre África, geografia, os animais lá, história com o cuidado de não cair na cena da vitimização, nunca.
– (Entrevista ao Raul, 26 de abril)

As aulas de desenho são muito mais do que aulas de desenho. É também um sítio para brincar e de aprendizagem conjunta sobre cultura, mas também um sobre os outros: as dificuldades de cada um, a informação que cada um tem sobre os temas apresentados, os preconceitos existentes na cabeça de cada um quando o Raul pede, por exemplo, para desenhar quatro pessoas de quatro continentes diferentes e notamos padrões na referência que os jovens têm, como a pessoa africana ser desenhada como uma mulher e a pessoa europeia é uma pessoa (sem género) mas “de alto rendimento”⁹, como explicou um dos jovens. É um espaço de criação e desconstrução, um espaço onde podem trabalhar a paciência e a forma como lidam com a frustração e a confiança, até porque “não podem” usar borracha, ainda que o Raul saiba que alguns usam de vez em quando. É também uma altura que requer atenção dos adultos, quer seja para travar eventuais comentários menos positivos entre os jovens, ouvir os interesses que eles vão desenvolvendo e, por outro lado, as dificuldades que vão demonstrando, as características de cada um e como podemos ajudar a trabalhá-las e melhorá-las.

⁹ Expressão utilizada por um dos rapazes do grupo para diferenciar a pessoa (sem género) europeia que desenhou com roupa de marca.

Círculos de Mulheres

Os círculos tiveram início em setembro de 2022 em formato de círculo único. A primeira sessão foi organizada apressadamente porque um dos membros que trabalhava conosco até aí mudou-se temporariamente para a China e, com a data da viagem de ida próxima, foi decidido que ela organizaria o primeiro círculo. Essa primeira sessão seguiu um modelo meramente informativo, muito diferente do que temos agora, em que se abordaram temas como a menstruação, sistema reprodutor e produtos de higiene menstrual, inclusive as opções reutilizáveis; juntou as meninas mais novas, dos 7 aos 13 e as meninas mais velhas, dos 13 aos 18.

Após a realização da primeira sessão percebemos imediatamente que tínhamos de fazer uma separação mais ou menos por idades e fases de vida, o que levou à criação de dois círculos organizados consoante as idades descritas no parágrafo anterior, com o objetivo de adaptar melhor os temas e as abordagens que tínhamos a partir daí. Desde então que os círculos se realizam às segundas-feiras, com as mais novas das 16 horas e 30 minutos às 17 horas e 30 minutos, e com as mais velhas reunimos passado uma hora, até às 20 horas.

A estratégia a seguir foi fonte de conflitos entre as mulheres (adultas) da Associação, mas os círculos continuavam a decorrer com normalidade, pelo menos aos olhos das nossas jovens. Pouco tempo depois, dois dos membros da Associação foram convidados a sair e, de facto, os círculos melhoraram e todos conseguimos retirar algo de positivo, no sentido em que a Associação ganhou alguma estabilidade e força para seguir e, por outro lado, os ex-membros continuam, passados 4 meses, a manter uma relação com as crianças e os jovens à parte da atuação da Associação. A discussão girava em torno da falta de comunicação, falta de proatividade, monopolização do círculo por um elemento, o tipo de relação a estabelecer com as jovens, etc.

Ultrapassadas estas dificuldades e contratempos iniciais, foram estabelecidos alguns objetivos gerais para o decorrer das sessões com base no respeito e a entejuda, que nem sempre são fáceis de manter e incentivar num meio onde, por exemplo, muitos dos conflitos são resolvidos com violência física, verbal e/ou psicológica, algo que elas carregam também. Pretende-se sempre dar-lhes acesso a informação para que sejam, no caso das mais velhas, mulheres mais seguras e livres; no caso das mais novas, ajudar a preparar a adolescência que não se espera simples. Este ponto é também motivado pelos interesses individuais das pessoas que organizam os círculos - neste caso eu, a Sofia e a

Mariana - e para o que se definiu ser importante para lhes ser passado. Por exemplo, eu faço muita força para que nas conversas haja inclusão da comunidade LGBTQ+ e insisto em temas como identidade de género e orientação sexual, por saber que pode ser lesivo seguir formas de falar, estar e pensar exclusivamente heteronormativas na educação de crianças e jovens. Um dos pontos mais importantes é que, direta ou indiretamente tentamos sempre criar espaço para ajudar a melhorar a forma como comunicam e expressão sentimentos – o que a Mariana descreve como sendo a “literacia da vida”. Neste sentido, a ideia é também criar um espaço seguro onde se sintam ouvidas, protegidas, unidas e onde não tenham de recear o julgamento.

Nas sessões seguintes à primeira, realizamos várias atividades sobre emoções, sentimentos; por exemplo, em que ocasiões sentem determinada emoção, como lidam com elas; sobre o consentimento para garantir que elas saibam que é natural terem limites e, também, que não ultrapassem os das outras pessoas. Tentamos perceber como estão as relações familiares, com a escola e amigos, quer por conversas como por atividades como a da figura 1, que consiste em colorir os parâmetros escolhidos (escola, Associação, família, amigos, “eu própria”,...) consoante o nível de satisfação sentido por elas individualmente.

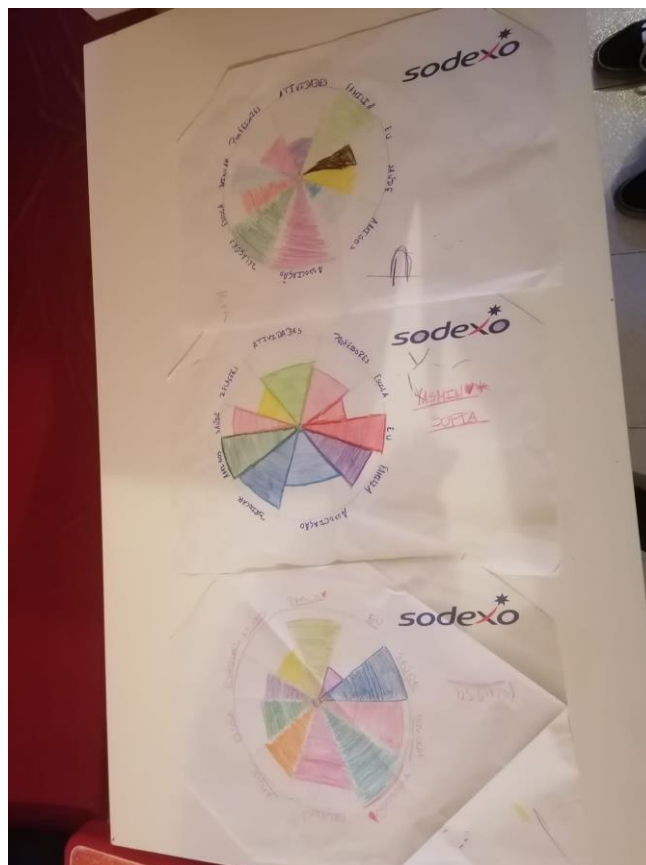


Figura 1 - Exercício sobre satisfação em relações na escola, amigos, família, associações, próprias, etc.

Os temas podem ser comuns, é possível, inclusive, pôr em prática com ambos os grupos de meninas. O que muda, muitas vezes, é a abordagem e o próprio fluir das sessões. Com as mais novas, é sempre necessário haver uma maneira de guiar a conversa, normalmente por meio de atividades mais dinâmicas (perguntas anônimas), jogos inventados sobre sentimentos ou teatros de resolução de conflitos. Foram raras as vezes em que se conseguiu realmente implementar a ideia de círculo de conversa entre mulheres com elas sem estes estímulos. Já com as mais velhas, os assuntos são normalmente trazidos por elas; são escutadas e recebem conselhos quando consideramos oportuno, mas os conselhos são comumente em forma de pergunta com a intenção de as fazer questionar as situações em que elas próprias se encontram, as razões que as levam a agir assim, etc.

Eu, a Mariana e a Sofia falamos com alguma regularidade por mensagens, mas existe uma lógica de continuidade entre sessões: as sessões são pensadas em conjunto ao longo da semana, tendo por hábito reunir umas horas antes da sessão das mais novas para confirmarmos detalhes e, dependendo das situações com que nos vamos deparando, trocamos ideias sobre novas estratégias e adaptações necessárias ao melhor funcionamento das atividades. Por exemplo, estamos a tentar criar condições para um

acompanhamento mais individual e estimulante para cada uma das meninas; para isso, foi preciso uma troca de ideias sobre características delas de modo a tentar ajudá-las a lidar melhor com elas próprias e a ter em conta os seus interesses e pontos fortes.

Esta atividade é realmente íntima, densa e por vezes muito pesada. Chegam-nos casos de violência, traumas e assédio, entram e saem miúdas que deixamos de poder acompanhar a este nível. Durante as sessões, tentamos garantir que nenhuma de nós (adultas) se sente sobrecarregada e no fim ou no decorrer da semana falamos sobre como nos sentimos e como devemos agir sobre a informação que nos foi dada. Digo nós porque, muitas vezes, a serenidade com que nos contam determinadas situações revela uma certa normalização do que não deveria ser o quotidiano de crianças, adolescentes, mas também adultos, o que leva a que sejamos as únicas pessoas conscientes da gravidade das situações na sala. Mas até chegar aqui foi preciso construir uma relação (não muito bem definida conceptualmente nem para elas, nem para nós) que as deixasse confortáveis ao ponto de fazer partilhas íntimas e mais pessoais, mostrando que estamos ali para tentar, de certa forma até, protegê-las.

Falo pelas três quando digo que foi muito importante criar uma boa relação de confiança e proximidade entre nós para que lidar com “as bombas”, como a Sofia lhes chamou, seja um processo menos complicado e mais partilhado. Também concordamos que, a certo ponto, criamos uma barreira defensiva para não nos deixarmos consumir com a gravidade das situações, uma espécie de dormência, que levou a que sejamos mais práticas nas tentativas de resolução dos problemas. Este processo tem também de ser acompanhado por um trabalho individual, para nosso próprio bem, de como melhor gerir as emoções como a ansiedade, a raiva, a tristeza que podem vir ao de cima nos círculos ou depois, já que na altura nem sempre temos espaço e tempo para pensar realmente.

Muitas vezes, os círculos servem também a resolução de conflitos entre elas, mas aos poucos vão-nos dando sinais de que vão interiorizando que não precisam de recorrer a violência verbal ou física para serem ouvidas ou resolver problemas. Mostram também sinais de responsabilidade que antes não tinham, como formas de entreajuda entre elas. Por outro lado, as mais velhas recorrem mais a nós diretamente, também por estarem

numa idade mais avançada em que expressar sentimentos, emoções e pedidos de ajuda se torna mais simples, mesmo que a violência surja, ainda, como resposta¹⁰.

Trabalho em rede e passeios

Estas duas atividades têm como principal objetivo abrir os horizontes dos jovens com quem trabalhamos, em situações em que funcionamos como ponte para que tenham acesso a outras realidades, pessoas, hábitos, cultura, espaços e ideias e pode envolver receber grupos no Bairro ou deslocamentos até outros locais.

Dois exemplos que me parecem interessantes explorar do trabalho em rede: a ida do projeto Era Uma Vez Brasil ao Bairro, em novembro de 2022, e a parceria com a associação Troca por Troca, em maio de 2022.

O projeto Era Uma Vez Brasil é um projeto institucional¹¹ que se insere no meio do ensino público brasileiro e através da arte-educação promove o enriquecimento cultural tanto dos estudantes como dos professores por via do contato com outros territórios e culturas, como quilombos e indígenas.

O grupo Era Uma Vez Brasil conheceu a Associação Roots por meio de uma jornalista de origem brasileira residente em Portugal. A jornalista e o Gonçalo conheceram-se numa manifestação antirracista e, mais tarde, ela sugeriu que o grupo fosse ao Bairro durante a sua estadia em Portugal. Escolhido o dia, foi-lhes feito o convite para que participassem numa das nossas atividades – a limpeza. No dia, chegaram mais cedo que nós. Reuniram-se nas escadas da praça antes das 10 horas a trocar ideias com a jornalista, e não passaram despercebidos pelo número (cerca de 80 estudantes e 14 professores brasileiros) e por utilizarem todos uma camisola azul identificativa do projeto. Infelizmente, no início desse dia, uma moradora do Bairro gritava da janela o típico discurso xenófobo “voltem para a vossa terra”, contrapondo a nossa vontade de que se sentissem todos bem-vindos.

O projeto anual é dividido em 4 etapas sendo a terceira um intercâmbio de 10 dias em Portugal, e a última a realização de um projeto, dado o conhecimento adquirido ao

¹⁰ Esta forma de agir e estar é fruto da sua educação e da forma como veem as pessoas mais velhas a agir perante conflitos. Há cerca de dois meses tivemos de impedir que uma das nossas meninas fosse levada para uma luta, e enquanto estávamos a tentar que a situação se resolvesse pacificamente, a mãe de outras duas meninas do círculo estava a incentivar o uso da violência.

¹¹ O projeto é patrocinado por: Yamana Gold, Grupo Moura, Galvani Fertilizantes, Rodonaves Transportes, Lwart Soluções Ambientais, Pedra Agroindustrial e Hiperideal, com o apoio das Prefeituras Municipais das cidades participantes.

longo de todo o processo, compondo propostas que impactem positivamente as pessoas da comunidade de cada estudante.

Enquanto deixávamos as ruas do bairro limpo à medida que avançávamos na limpeza, a Associação fez uma *tour* pela arte urbana do Bairro, trocavam-se ideias sobre o projeto, sobre as vivências de cada grupo e, claro, futebol, em discussões onde os mais novos de cada grupo apresentavam pontos pró-Neymar e pró-Ronaldo.

No fim da limpeza, reunimos no campo onde falamos sobre o sistema e as razões que levam à invisibilidade de certos grupos, tanto na realidade brasileira como na portuguesa: segregação, racismo, colonização e habitação. Despedimo-nos com abraços, sorrisos e agradecimentos e uma promessa de reencontro. Foi-nos oferecido um livro da edição desse ano do Era Uma Vez Brasil chamado “O Outro Lado da História” e, no Instagram, deixaram a seguinte mensagem:

Foi um momento de grande aprendizagem e transformação para cada um de nós... Levamos para o Brasil um pouquinho da força, do conhecimento, da diversidade e da alegria de vocês! Até 2023 <3 axé

Passando ao evento realizado em parceria com a Troca por Troca, a associação conjuga a sustentabilidade ambiental com a economia social realizando eventos de troca roupa em 2ª mão por bens alimentares e é composta também por amigos e conhecidos da Mariana, que, claro, serviu de ponte à realização da parceria. A associação escolhe diferentes grupos, organizações ou associações para apoiar através dos diferentes eventos e, no evento de maio, todos os alimentos recolhidos foram entregues no Bairro da Amadora.

Fizemos uma breve reunião, no Bairro da Amadora, cerca de um mês antes do evento para nos conhecermos pessoalmente e conversarmos sobre o trabalho de ambos os grupos, combinarmos detalhes como o sítio, quem iria, horas, atividades e as partilhas foram feitas entre amigos e pelas redes sociais. O local escolhido foi o espaço Zona Franca, nos Anjos, que é também uma associação cultural e recreativa já conhecida pela Troca por Troca.

Durante a tarde, na Zona Franca, jogou-se ao bingo solidário em que os prémios reverteram para as crianças do Bairro – uma aula de piano para uma criança, aula de yoga para o círculo das mulheres e uma camisola feita por um estilista da Troca por Troca e possibilidade de 4 jovens terem um workshop de construção de casinhas para passarinhos.

Houve oportunidade de conhecer dois artistas de *hip hop*, sendo um deles morador do Bairro, e ao longo da tarde decorreu o bazar de roupa em 2ª mão.

Nestes dois contextos, os nossos jovens tiveram tanto a oportunidade de se manterem na sua zona de conforto ao receber um grupo de fora, mas com vivências com semelhanças às suas, como puderam conhecer outros espaços da cidade, a começar pela Zona Franca que é, só por si um espaço reivindicativo de valores de igualdade, feministas, anticapitalistas e de respeito pelo ambiente.

O próprio Gonçalo diz que, antes da faculdade, nunca tinha tido a oportunidade de explorar Lisboa. Os passeios seguem também uma lógica, posso dizer, ambivalente, servindo não só como preenchimento de tempos livres e como também enriquecimento cultural, desde visitas a museus e exposições como o Museu do Prazer Feminino, em Algés, à exposição do Amílcar Cabral, em Benfica, a passeios no teleférico do Oriente e idas à praia. Existe um equilíbrio pensado entre os valores, o conhecimento e a mensagem que queremos passar aos jovens e o simples passar tempo e convívio cuja vontade já parte deles próprios. Ou seja, o equilíbrio entre respeitar a vontade de eles quererem apenas ir à praia, mas incentivá-los e levá-los a sítios onde podem desenvolver pensamento crítico, outras competências e capacidades.

Círculo de Homens, Apoio ao Estudo e Projeto da Horta

Estas atividades estão agrupadas no sentido de dar a entender, não só a flexibilidade inerente à missão da Associação, como prova de que é um organismo em constante mudança; começando pelo Círculo de Homens, a última atividade a ser implementada, mas que já decorre com normalidade há dois meses; o apoio à aprendizagem, que antecede o Apoio ao Estudo, que está a ter início agora; e a Horta, uma ideia já discutida, mas ainda não foram dados passos práticos no sentido da sua implementação.

O Círculo de Homens foi a última atividade a ser posta em prática, em maio de 2023. A finalidade é semelhante à do Círculo de Mulheres, e surgiu precisamente da necessidade de trabalhar os mesmos problemas com “as nossas miúdas e miúdos”, como insegurança, conflitos e problemas familiares, machismo e violência. Alguns temas são comuns a ambos os círculos, outros não, tal como as abordagens.

O Apoio ao Estudo já foi implementado em 2022, mas a sua duração foi breve. Vai ser retomado no verão de 2023, de modo a preparar e acompanhar o ano letivo dos

nossos jovens. Contudo, notamos ao longo do tempo que algumas das crianças que já frequentam o 2º ciclo de estudos têm dificuldades elementares como escrever e ler, saber os números e cálculos básicos. Tendo em conta estes casos específicos, traçamos o objetivo de fazer com que estas crianças comecem o próximo ano letivo próximas das aprendizagens essenciais. Para isto, no decorrer do verão de 2023, foram marcados encontros semanais com os jovens e crianças.

Dois pontos a destacar sobre, por um lado, o motivo da necessidade, por outro, a ação da Associação: o primeiro é questionar a razão que leva a escola quer por falta de meios ou de vontade, a não fazer um acompanhamento mais próximo em casos como estes; em segundo lugar, é relembrar que a formação dos membros no geral em educação e pedagogia é nula, embora a nossa vontade de, no caso, ajudar, é muita - e isso notou-se na rapidez com da ação: na aula de desenho, terça-feira, percebemos que uma rapariga tem já construída uma autoimagem baseada na ideia de que é burra. Sexta-feira à tarde, quatro adultos¹² iniciaram a fase de diagnóstico trabalhando em duplas de adultos com uma criança de cada vez, tentando perceber se sabiam reconhecer todas as letras do alfabeto e se podiam escrever palavras com as letras que reconheciam.

Trocaram-se algumas ideias sobre como fazer. Ficou definido que o método do Paulo Freire de alfabetização seria a nossa linha diretriz, isto é, a nossa estratégia tem por base ir de encontro à realidade e ao interesse das crianças, servindo também à consciencialização, autoconhecimento e perceção do próprio meio (Beck, 2016).

A ainda ideia de construir uma horta visa consolidar algumas das mensagens que a Associação Roots pretende passar com as restantes atividades, como o trabalho coletivo, ou o respeito pelo ambiente. A horta será feita com a ajuda dos adultos, desde a compra dos materiais necessários à sua construção e manutenção, mas será cuidada somente pelos jovens.

¹² Esta atividade no seu todo, tanto o apoio à aprendizagem como ao estudo, será assegurada por todos os elementos da Associação, ao contrário dos círculos e das aulas de desenho e contará com a ajuda de uma pessoa de fora, por sugestão minha, uma vez que nenhum de nós estava confortável com o apoio a matérias relacionadas com matemática. A pessoa em questão já tinha partilhado comigo a sua intenção de integrar algum programa de mentoria e, após consultar os meus colegas, propus-lhe que viesse trabalhar connosco, uma vez que o formato é semelhante.

O objetivo é precisamente incentivar trabalhar a paciência, mas também dar-lhes a conhecer o potencial da auto-organização e autogestão, que acarreta também a responsabilidade do cuidado pelo que é deles e deles só.

Conclusão

Concluído o trabalho de campo, entrevistas, observação participante e tomada de notas; conversas com os meus colegas, reflexões individuais e coletivas, e depois de uma revisão do que já tinha escrito, encontrei três linhas de análise que sustentam, por um lado, a ação da Associação, por outro, dialogará com a revisão da literatura.

Na primeira linha de análise, debruço-me sobre o espaço que o grupo ocupa no Bairro e as relações que estabelece com a comunidade, dos mais novos aos mais velhos. Aqui é importante destacar a forma como entramos na vida dos moradores do Bairro e como cultivamos as relações de proximidade e confiança, tendo em conta um elemento importante que é o espaço partilhado com o café.

A segunda prende-se com a ideologia que sustenta a nossa ação e a forma de organização interna da Associação, os nossos objetivos e quais as estratégias adotadas para os atingir.

A última está relacionada com a posição da Associação e dos elementos individualmente sobre a relação que temos e podemos vir a ter com as instituições de poder, e como nos posicionamos entre o formal e o informal.

Ulf Hannerz (1980) afirma que os cidadãos se envolvem em interações sociais entre cinco domínios da arena urbana: família, provisionamento, lazer, trabalho e vizinhança. A Associação Roots é vista nesta investigação como uma extensão da vida social do Café Encosta Nascente, como um *continuum* das relações de proximidade e confiança, de vizinhança e familiares, transformando os tempos de lazer no bairro no que tentamos que seja tempo benéfico para os jovens e as crianças.

Mais precisamente, é o café que nos permite ser pessoas mais ou menos familiares, e é o café que nos permite (mas mais ao Gonçalo) entrar na vida das pessoas através de desabafos, provisionamento, pedidos de ajuda relacionados com os filhos ou burocracia, brincadeiras, conversas. É por causa do café que nos tornamos pessoas de confiança, quer pela nossa presença regular, pela vontade das crianças e jovens estarem connosco; quer pela confiança que o Gonçalo deposita em nós, que por sua vez é a pessoa de confiança para as pessoas do Bairro. Não é coincidência que, a maior parte das crianças que vão às nossas atividades são familiares dos adultos que frequentam o café.

Embora o grupo seja, atualmente, composto maioritariamente por pessoas não residentes do Bairro, um dos nossos objetivos enquanto grupo é aproximar a Associação à comunidade, para que os limites se esbatam cada vez mais. É um processo, mas os nossos esforços vão nesse sentido. Ainda assim, é um caso contra o argumento apresentado por Roberts¹³, que diz que os atores externos que se organizam dentro de uma comunidade tendem a trabalhar em torno de interesses próprios e não representativos da mesma.

Isto faz com que o grupo esteja tanto **dentro como fora da comunidade** - dentro porque estamos a par de muita da vida social do bairro, quer através do Gonçalo e do André ou dos adultos, jovens e crianças. Temos em vista a melhoria das condições não só materiais, mas simbólicas e afetivas de toda a comunidade; contudo, fora porque não vivenciamos certas dinâmicas específicas daquele bairro ou daquelas famílias. Aquele espaço, que é marcado por uma identidade local forte, continua a ser o espaço deles, que nos é apresentado por eles, pelas suas experiências, pelo seu dia a dia.

Como apresentado na revisão da literatura, as associações *grassroots* necessitam, em prol da sua longevidade, de uma ideologia forte, mas flexível na criação de redes e relações, que ajude na concretização das suas estratégias. A frase que o Raul usou¹⁴, sem romantismos, para nos caracterizar – **“um grupo que se organizou para resolver problemas específicos”** - é ótima porque resume tanto o nosso objetivo, que é apoiar da forma que sabemos e conseguimos a comunidade, mas também a nossa posição flexível de observar e perceber o que o local e as pessoas requerem.

Por zelo ao compromisso que temos com a comunidade do Bairro e pelo nosso trabalho, teremos sempre reticências nesta abertura total, podendo caracterizar o grupo com um alto grau de exclusividade. Internamente, a horizontalidade e a comunicação são privilegiadas em todos os nossos processos de decisão e ação, sem nunca ser estabelecida qualquer forma de pressão uns sobre os outros de forma que tenhamos menos liberdade ou oportunidades de ser autónomos; ao mesmo tempo que existe confiança e abertura para que sejam dadas opiniões e/ou feitas sugestões sobre determinada ideia ou atividade.

A nossa estratégia passa principalmente por perceber os problemas que existem na comunidade (carência de bens essenciais; dificuldades educativas; problemas

¹³ Ver capítulo “Enquadramento Teórico-Metodológico”.

¹⁴ Ver capítulo “Quem faz a Associação?”.

emocionais e afetivos; poluição) e arranjar, a partir deste diagnóstico e tendo em conta as nossas capacidades, respostas, sem nunca tentar impor soluções que não são desejadas ou bem recebidas por parte das pessoas do Bairro da Amadora.

A nossa posição relativamente à ação conjunta com instituições de poder – **entre o formal e o informal** - é um tema recorrente no seio da Associação e, portanto, era claro que seria notória a posição individual dos membros nas conversas e entrevistas que explorei anteriormente. Citando o Rui: “o que nós fazemos é política, mas é necessário poder político”. Ele não se adiantou, mas é uma frase que dá para pensar em várias coisas, como: quais são as limitações na ação da Associação mantendo as condições atuais; quais seriam as alterações necessárias para a obtenção de poder político; qual a disponibilidade dos membros, individual e coletivamente, para prosseguir com as mudanças necessárias.

Atualmente, as relações que decidimos manter são escolhidas com algum cuidado, uma vez que já sentimos as consequências de sermos um grupo informal numa reunião com o Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família de uma escola de ensino básico da zona, em que nos disseram que as relações que a escola estabelece têm de passar por muita burocracia. Nessa reunião, foi-nos recomendado que tivéssemos uma atuação mais formal para que fosse possível estabelecer uma relação mais articulada entre a Associação e a escola. Para nós, maior nível de formalização poderia levar a uma relação de dependência, dando azo a que pudessem interferir com as nossas estratégias e missão, desvirtuando a nossa ação, retirando-nos a liberdade de criar e decidir entre nós, da forma que bem entendermos. A família do Gonçalo, ainda no BSF, viu o projeto da Associação a ser apropriado por pessoas que não eram do bairro e eventualmente começaram a sentir que aquilo não era deles.

Como abordado anteriormente¹⁵, o que é priorizado na Associação é a capacidade de fazer. A estratégia de ação da Associação é, portanto, *bottom-bottom*¹⁶, isto é, não agimos com o intuito de chegar “acima”. Como o Diogo disse na entrevista, não temos

¹⁵ Ver subcapítulo Missão.

¹⁶ Numa perspetiva *top-down* de fazer política, a maioria das intervenções no espaço urbano parte das instituições de poder, tornando os membros das comunidades em atores secundários com um papel passivo sobre o espaço por eles ocupado, laborado e vivido. Esta abordagem assenta numa planificação fortemente centralizada, ao passo que, numa perspetiva *bottom-up*, as iniciativas partem das comunidades locais para elas mesmas. Nesta lógica, as instituições de poder servem apenas como orientadores e financiadores dos projetos (Nikkhah e Redzuan, 2009). Quando a Associação foi criada, este era o objetivo: dar início a um projeto com apoio do poder local ou do Instituto Português do Desporto e da Juventude, até que os apoios não chegassem.

interesse em obter validação e reconhecimento de instituições que criam a necessidade para que nós tenhamos de existir e colmatar falhas criadas pelo sistema. Decidimos que somos os nossos próprios orientadores, apoiados por terceiros interessados que confiam em nós e no nosso trabalho, mas não têm o poder de interferir nos processos internos ou o rumo que escolhemos.

Entre os elementos, existe, contudo, divergência de opiniões: alguns de nós consideram que o estatuto legal nos traz oportunidades ainda por explorar; outros consideram que a sua manutenção é apenas um fardo burocrático e pode levar à restrição da nossa liberdade. Uns acham que é possível estabelecer relações utilitárias e positivas para a comunidade com instituições, outros consideram não haver benefícios (no geral) nesta estratégia.

O futuro continua incerto uma vez que, como disse na apresentação da Associação Roots, é uma entidade em constante mudança e adaptação. O importante é que seja um futuro a criar a mudança em conjunto.

The city goes soft; it awaits the imprint of an identity. For better or worse, it invites you to remake it, to consolidate it into a shape you can live in. You, too. Decide who “you are”, and the city will again assume a fixed form round you. (...) Cities, unlike villages and small towns, are plastic by nature. We mould them in our images: they, in their turn, shape us by the resistance they offer when we try to impose our own personal form on them. - (Dear e Flusty, 1998 p. 53 apud Raban, 1974)

Bibliografia

- Almeida, P., & Stearns, L. (1998). "Political opportunities and local grassroots environmental movements: The case of Minamata." *Social Problems*, 45(1), 37-60.
- Alves, A. (2022). *Quando Ninguém Podia Ficar. Racismo, Habitação e Território*. Tigre de Papel. Lisboa.
- Beaud, S., & Weber, F. (2007). *Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos*. Editora Vozes. Rio de Janeiro.
- Beck, C. (2016). "Método Paulo Freire de alfabetização." *Andragogia Brasil*. Disponível em: <https://www.andragogiabrasil.com.br/metodo-paulo-freire-de-alfabetizacao> consultado a 26/06/2023
- Bettencourt, B. (1996). "Grassroots organizations: Recurrent themes and research approaches." *Journal of Social Issues*, 52(1), 207-220.
- Blokland, T. (2017). *Community as urban practice*. John Wiley & Sons.
- Colombo, E. (2016). *O Problema do Poder: Entre a Psicologia Social e o Anarquismo*. Biblioteca Anarquista. Disponível em: <https://bibliotecaanarquista.org/library/eduardo-colombo-o-problema-do-poder#toc4> consultado a 22/06/2023
- Castro Caldas, J., & Perestrelo, M. (1998). "Instrumentos de análise para o método dos cenários: 1-Análise estrutural." *DINÂMIA – Centro de Estudos sobre a Mudança Económica*.
- Crockett P. (2017). "Literature Review: Collaborative Ethnography." *Social Science Research Network*. University of Glasgow
- Diário da República n.º 106/1993, Série I-A de 1993-05-07, páginas 2380 – 2383 disponível em <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/163-1993-274242> consultado em 02/05/2022
- Dear, M., & Flusty, S. (1998). Postmodern urbanism. *Annals of the Association of American geographers*, 88(1), 50-72.
- Eanes, E. & Goode, J. (1977). *Anthropology of the City: an introduction to Urban Anthropology*. Prentice-Hall. New Jersey.
- Era Uma Vez Brasil: Projeto disponível em <http://www.eraumavezbrasil.com.br/> consultado em 21/08/2023
- Fernandes, E. & Maia, A. (2001). Grounded Theory. In M. Fernandes, M. Eugénia, & L. Almeida (Eds), *Métodos e técnicas de avaliação: contributos para a prática e investigação psicológicas* (pp. 49-76). Braga: Universidade do Minho.
- Ferreira, J., Ferreira, C., & Bos, E. (2021). "Spaces of consumption, connection, and community: Exploring the role of the coffee shop in urban lives." *Geoforum*. 119, 21-29.
- Gil, A. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. Ed. São Paulo: Atlas.
- Godet, M. (1993). *Manual de prospectiva estratégica: da antecipação à acção*, Lisboa, Publicações D. Quixote.

- Gottlieb, D. (1957). "The neighborhood tavern and the cocktail lounge a study of class differences." *American Journal of Sociology*, 62(6), 559-562.
- Guerra, I. (1998), "Grupos sociais, formas de habitat e estrutura do modo de vida", *Sociedade e Território*, 25/26, pp. 118-128
- Hannerz, U. (1980). *Exploring the city. Inquiries toward an urban anthropology*. Columbia University Press.
- Jorge, S, (2022). Mais e melhor habitação pública: um olhar a partir da Amadora e do outrora Bairro de Santa Filomena. *Cidades* [Online], 45 | 2022. Disponível em <http://journals.openedition.org/cidades/6442> consultado a 25/07/2023
- Junta de Freguesia Mina de Água, disponível em <https://www.jf-minadeagua.pt/instituicoes-da-freguesia/> consultado a 31/07/2023.
- Lassiter, L. (2005a). Collaborative ethnography and public anthropology. *Current anthropology*, 46(1), 83-106.
- Lassiter, L. (2005b). *The Chicago guide to collaborative ethnography*. University of Chicago Press.
- Machado, F. L., & Silva, A. (2009). *Quantos Caminhos Há No Mundo?: transições para a vida adulta num bairro social*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Marcus, G. (2001). From Rapport Under Erasure to Theaters of Complicit Reflexivity. *Qualitative Inquiry*, 7(4), 519–528.
- Nikkhah, H., & Redzuan, M. (2009). "Participation as a medium of empowerment in community development." *European Journal of Social Sciences*, 11(1), 170-176.
- Rappaport, J. (2008). "Beyond participant observation: Collaborative ethnography as theoretical innovation." *Collaborative anthropologies*, 1(1), 1-31.
- Smith, D. (1997). Grassroots associations are important: Some theory and a review of the impact literature. *Nonprofit and voluntary sector quarterly*, 26(3), 269-306.
- VanHoose, K., & Savini, F. (2017). WThe social capital of urban activism: Practices in London and Amsterdam." *City*, 21(3-4), 293-311.
- Velho, G. (1978) Observando o familiar. In: Nunes, E. *A Aventura Sociológica*, Rio de Janeiro: Zahar, p. 123 – 132.
- Viegas, J. (2010). Associativismo, cidadania e espaço público. Louis Joinet et al., *Associativismo e Sindicalismo Judiciários. Uma realidade incontornável das Democracias Modernas*, Lisboa: Sindicato dos Magistrados do Ministério Público.
- Warner, J., Talbot, D., & Bennison, G. (2013). "The cafe as affective community space: Reconceptualizing care and emotional labour in everyday life." *Critical Social Policy*, 33(2), 305-324.

